

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

ERIKA CARRARETTO GONÇALVES

***MINHA BIBLIOTECA, LER, CONTAR, ENCANTAR: EXPERIÊNCIAS
POLIFÔNICAS DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL***

VITÓRIA
2021

ERIKA CARRARETTO GONÇALVES

***MINHA BIBLIOTECA, LER, CONTAR, ENCANTAR: EXPERIÊNCIAS
POLIFÔNICAS DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL***

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Letícia Queiroz de Carvalho

VITÓRIA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

G635mGonçalves, Erika Carraretto.

Minha biblioteca, ler, contar, encantar: experiências polifônicas de
leitura no ensino fundamental / Erika Carraretto Gonçalves. – 2021.
96 f.: il. ; 30 cm.

Orientador: Letícia Queiroz de Carvalho.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo,
Programa de Mestrado Profissional em Letras - Profletras, Vitória, 2021.

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Textos – Literatura. 3. Letramento -
Estudo e ensino (Ensino fundamental). 4. Língua portuguesa (Ensino
fundamental). 5. Literatura – História e crítica. 6. Linguagem e educação.
I. Carvalho, Letícia Queiroz de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III.
Título.

CDD 21: 372.4

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG - 3116

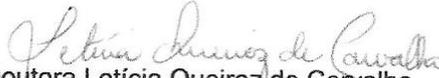
ERIKA CARRARETTO GONÇALVES

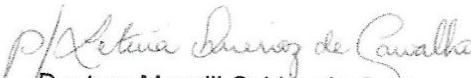
**MINHA BIBLIOTECA, LER, CONTAR, ENCANTAR: EXPERIÊNCIAS
POLIFÔNICAS DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

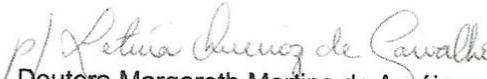
Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 15 de abril de 2021

COMISSÃO EXAMINADORA


Doutora Letícia Queiroz de Carvalho
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Orientadora
(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)


Doutora Mayelli Caldas de Castro
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno
(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)


Doutora Margareth Martins de Araújo
Universidade Federal Fluminense - UFF
Membro Externo
(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)

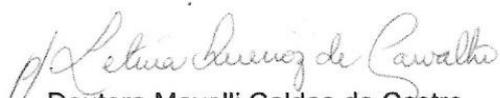
ERIKA CARRARETTO GONÇALVES

GONÇALVES, Erika Carraretto; CARVALHO, Leticia Queiroz de. **Era uma vez... Experiências polifônicas de leitura**. Vitória: Ifes, 2021. 77 p. (E-book com proposições pedagógicas sobre leitura).

Produto Educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

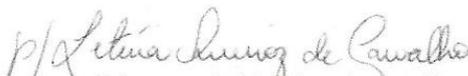
Aprovado em 15 de abril de 2021

COMISSÃO EXAMINADORA



Doutora Mayelli Caldas de Castro
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)



Doutora Margareth Martins de Araújo
Universidade Federal Fluminense - UFF
Membro Externo

(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)

AGRADECIMENTOS

“Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar” (Bakhtin, 2011, p. 293).

À minha orientadora Letícia Queiroz de Carvalho, com quem aprendi a ler, a entender e a aplicar o que Bakhtin deixou-nos como legado. Agradeço por ter acreditado e investido seu tempo em minha formação, mostrando-me caminhos a seguir.

À minha família, que me incentivou a buscar o aprendizado, dividindo os bons momentos e ficando ao meu lado nas situações mais difíceis no decorrer deste processo.

Aos meus amigos e amigas, que sempre me estimularam nessa jornada.

Aos professores do nosso curso de mestrado, por terem compartilhado de seus saberes.

Aos professores que participaram da banca de defesa pela disposição de ler o nosso trabalho e contribuir com seu conhecimento para a continuidade desse diálogo.

Enfim, ao Programa de Mestrado Profissional -PROFLETRAS- por ter ofertado uma formação de qualidade, compromissada com o desenvolvimento de uma educação polifônica, dialógica e com vozes equipolentes.

RESUMO

Este estudo apresenta uma pesquisa de caráter qualitativo, desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras do campus Vitória, na linha de pesquisa “Estudos Literários”, sobre o projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* realizado em uma escola municipal na cidade de Viana, Espírito Santo, cujo objetivo é estimular os educandos na formação da sua primeira biblioteca em casa, a partir da doação de livros paradidáticos. Teoricamente esta pesquisa propõe diálogos entre as concepções bakhtinianas de polifonia – a partir de *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2011) em seus desdobramentos nas práticas de leitura na sala de aula – e os autores representativos da área de Literatura e Educação, Literatura de resistência, tais como Candido (2004), Todorov (2005), Castrillón (2012), Britto (2015), Silva (1993; 2003; 2008), entre outros, no tocante às questões sobre o direito à leitura na escola e suas contribuições na formação cultural dos alunos da rede pública, escolhida como cenário desta pesquisa. Metodologicamente, optamos por algumas particularidades da pesquisa-ação, por meio de uma observação participante, cuja culminância foi a produção de um material educativo em formato de e-book em que foram sistematizados encontros literários na perspectiva polifônica, cujo corpus serão os paradidáticos sugeridos pelo projeto em análise. A pesquisa apontou as possíveis potencialidades da polifonia nas práticas coletivas de leitura na formação do leitor do Ensino Fundamental, por meio das propostas presentes no projeto escolhido como objeto de investigação e nas suas relações com a leitura dialógica na escola, seja pelas vozes presentes na edificação do projeto, seja pela ressonância advinda das vozes dos alunos leitores.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Direito à leitura. Polifonia. Formação do leitor.

ABSTRACT

This study presents a qualitative research, developed within the scope of the Professional Master's Degree in Letters at IFES, Vitória campus, in the research line "Literary Studies". This research emphasizes the project *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar ...* carried out in a municipal school in the city of Viana, Espírito Santo, whose objective is to stimulate students in the formation of their first library at home, by donating paradidactic books. Theoretically, this research proposes dialogues between Bakhtinian conceptions of polyphony based on Problems of Dostoevsky's poetics (BAKHTIN, 2011) in its developments in the reading practices classes. Also, the study is based on authors representing Literature and Education, Resistance Literature such as Candido (1995, 2004), Todorov (2005), Castrillón (2012), Britto (2015), Silva (1993; 2003; 2008), among others, with regard to questions about the right to read at school and their contributions to the cultural education of students from the public school chosen to take part on this research. Methodologically, we opted for some particularities of the action research, through a participant observation, whose culmination was the production of educational material in an e-book format in which literary meetings were systematized in a polyphonic perspective, whose corpus will be the paradidactic books suggested by the project under analysis. The research pointed out the possible potential of polyphony in the collective reading practices in the formation of the elementary school reader, through the present proposals in the project chosen as an object of investigation and in its relations with dialogical reading at school, either through the voices present in the construction of the project, either by the resonance that comes from the voices of the student readers.

Keywords: Literature teaching. Right to read. Polyphony. Reader training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Portal da Educação do município de Viana-ES	41
Figura 2 – Capa da Coletânea de Atividades de Aprendizagem	42
Figura 3 – Atividade sobre o Projeto Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar.....	43
Figura 4 – Atividade sobre o livro “Por trás da porta”, de Fanny Abramovic	44
Figura 5– Atividade sobre o livro “Meu querido robô”, de Pedro Bandeira.....	45
Figura 6 – Percentual de domicílios com renda domiciliar per capita menor que R\$ 70,00	73
Figura 7 – Fachada da EMEF Dr. Tancredo de Almeida Neves	74
Figura 8 – Entrada da biblioteca	75
Figura 9 – Biblioteca	75
Figura 10 – Quadra da escola.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento de pesquisas.....	17
Quadro 2 – Projeto Minha Biblioteca, Prefeitura Municipal de Viana.....	39
Quadro 3 – Paralelo entre características da pesquisa qualitativa na Concepção de Bogdan e Biklen (1982) e as particularidades do nosso estudo	66
Quadro 4 – Paralelo entre características da pesquisa ação na concepção de Franco (2005) e as particularidades da presente pesquisa	69
Quadro 5 – Cronograma do planejamento dos encontros da prática de pesquisa....	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVO GERAL.....	14
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
2	DIÁLOGO COM AS PESQUISAS DA ÁREA	16
2.1	SOBRE ENSINO DE LITERATURA	18
2.2	DIREITO À LITERATURA.....	23
2.3	POLIFONIA E FORMAÇÃO DO LEITOR.....	28
3	ERA UMA VEZ... MINHA BIBLIOTECA: LER, CONTAR, ENCANTAR.....	35
4	O AUTOR E A CONSCIÊNCIA DAS CONSCIÊNCIAS: ENTENDENDO A POLIFONIA	47
4.1	AS CONSCIÊNCIAS DO PROJETO MINHA BIBLIOTECA: LER, CONTAR, ENCANTAR	52
5	LITERATURA, ESCOLA E SOCIEDADE.....	55
6	PERCURSO METODOLÓGICO.....	64
6.1	O DIÁLOGO COM O OUTRO.....	70
6.2	O CORPUS E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	71
6.3	PLANO DE INTERVENÇÃO.....	76
7	O PRODUTO EDUCACIONAL.....	80
7.1	VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	85
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	92
	APÊNDICE A – Carta de autorização	95
	APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	96

1 INTRODUÇÃO

Quando eu nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Erika! Ser professora na vida. Afinal, pertencço a uma família que tem largos anos na educação. Eram avós, mãe, tias e primas, todas professoras. Ainda pequena, lembro-me de que mamãe, sem ter com quem me deixar para poder trabalhar, levava-me para o trabalho dela, e deixava-me por toda manhã na confiança da bibliotecária da escola em que lecionava.

Eu passava horas e horas em contato com as mais variadas obras, lia-as, mesmo sem saber ler, levava-as comigo para casa, algumas vezes, sem pedir a autorização da "dona dos livros". Sentia-me como a garota que roubava livros, ou mesmo a narradora de "Felicidade Clandestina". Porém, tinha uma diferença, sempre devolvia todos.

Depois de algum tempo comecei a frequentar a escola, aprendi as minhas primeiras palavras e escrevi meus primeiros textos. A professora da primeira série era muito exigente, gostava de tudo muito organizado. Ela era alguém muito especial para mim. Como não poderia ser? Ela era a minha mãe, mas, na sala de aula, Tia Nete, dona do saber e da sala. Todos os seus alunos, até maio, deveriam ler livros paradidáticos fluentemente.

O tempo passou; cresci e, já adolescente, me apaixonei pelas aulas de Literatura. Nunca vou me esquecer de quando a professora Tetê proporcionou a minha turma um trabalho em que deveríamos ler uma obra literária, relacioná-la a um período literário e encenar uma peça do livro lido. Minha imaginação transbordava, minhas leituras e pesquisas duravam dias e noites, queria muito entender quem era a protagonista que estava lendo e iria interpretar. Ah! Quem era Lucíola? Que mulher era aquela? Que conduta para época!

Infelizmente, lembro-me apenas desse fato em todo Ensino Médio. Não tive outras boas experiências, embora continuasse com minhas leituras. Acho que isso me fez desistir, por um tempo, de querer seguir a carreira docente. Aliás, eu tentei não obedecer àquele anjo torto. Passei pelo jornalismo, não gostei. Tentei uma carreira

jurídica. Ela também não era para mim. Onde fui parar e reencontrei-me comigo mesma? No curso de Letras Português e suas respectivas literaturas.

Em 2003, iniciei meus estudos em Letras / Português, no Centro de Ensino Superior de Vitória (CESV). Ingressei no ensino superior maravilhada com o mundo de possibilidades e descobertas. Achava, sinceramente, que os mestres e os doutores que ministravam as aulas me dariam receitas prontas, assim como o livro de receitas da vovó. Equivoquei-me, mas em nenhum momento tive vontade de desistir, sabia que ali era meu lugar. Fazia cada disciplina com vontade de aprender mais e levar isso para sala de aula sob uma nova perspectiva.

Logo no início do curso, 2º período, comecei a lecionar na rede estadual de Ensino, no município de Viana, para turmas do Ensino Médio. Cheguei à escola cheia de planos e projetos e, já no primeiro momento, fui abafada por uma turma de 3º ano, com 52 alunos com distorção de série/idade, cujo lema era “se terminarmos o Ensino Médio estará de bom tamanho”. Assustei-me, fiquei decepcionada com aquela situação, porém não poderia parar por ali, teria que contribuir de alguma forma para tentar mudar aquele cenário. Lembro-me de que nas primeiras semanas falava sobre os gêneros textuais e as tipologias do texto e a sala toda ficava em silêncio. Foi neste momento que eu percebi que eles não me entendiam. Aquilo que eu falava não fazia parte do cotidiano deles. Muitos ali conviviam com a pobreza diária, trabalhavam, cuidavam da casa, entre outros. Precisei mudar meu planejamento e minha conduta de sala de aula.

Então, entendi o que estudava em didática, segundo os postulados de Paulo Freire: a escola ensina muito mais que conteúdos, ensina uma forma de ver o mundo. Neste sentido, o que ensinar não pode estar desvinculado de outras questões que precisam ser feitas no ato de educar: quem educa? Por que educa? O que ensina? Como ensina? A quem serve, contra quem e a favor de quem?

Entretanto, no ano seguinte, já não era mais professora regente no Estado, estagiava numa rede particular de ensino que atendia, principalmente, alunos com alguma deficiência intelectual. Havia um programa de atendimento especial para eles e lá aprendi muito. Apesar de se tratar de uma iniciativa privada, a escola recebia alunos

das mais variadas classes sociais, porque eles eram um “objeto de pesquisa” para a linha adotada pelo colégio.

Durante dois anos estagiei e nesse meio tempo prestei alguns concursos que estavam em vigor para área de educação. Em 2009, fui convocada para assumir uma vaga de professora efetiva de Língua Portuguesa do município de Viana. Escolhi a EMEF Dr. Tancredo de Almeida Neves, que se localiza no bairro de Nova Betânia, e nela estou até a data presente. Lá se vão mais de 10 anos.

É relevante dizer que o bairro em que a escola está inserida possui uma demanda muito grande de alunos; em contrapartida, o número de escolas não é compatível com a realidade. Exemplo disso é a EMEF em que trabalho, que recebeu apenas no turno matutino, no ano de 2019, 500 alunos, entre turmas de 6º e 7º anos; mais 500, no vespertino, com educandos de 1º a 5º anos; e, no noturno, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), mais 200 alunos.

É importante dizer que a maioria dos alunos da EJA eram alunos do matutino que já haviam completado 15 anos e que tinham problemas de indisciplina. Muitos deles já estavam cursando pela terceira ou quarta vez o 6º ou 7º ano. A maioria meninos e negros.

No contexto apresentado é notório esclarecer que a escola está localizada em um dos bairros com maiores índices de violência do município, e, de acordo com o Data Social, possui a maior porcentagem de domicílios com renda inferior a R\$ 70,00, ou seja, a maioria dos alunos que a frequentam conhecem a extrema pobreza de perto. Além disso, mais de 50% dos alunos são cadastrados no programa Bolsa Família. Esse é um fator que colaborou muito para que o índice de evasão na escola diminuísse, embora a taxa de reprovação seja altíssima.

No colégio sempre houve muitas demandas em relação à melhoria do desempenho dos educandos, entretanto, sentia muita falta de uma qualificação, em que eu pudesse estudar e aprender com quem pesquisava sobre tantos assuntos que permeiam o chão da sala de aula. Logo, entendi que deveria qualificar-me, realizar um mestrado, procurar respostas para minhas dúvidas. Conheci o PROFLETRAS e candidatei-me a

uma vaga para cursar no primeiro semestre do ano de 2019. Entrei com dúvidas, com medos e angústias. Contudo, a relação com as disciplinas ofertadas, os excelentes professores do programa e o conhecimento do novo potencializaram as minhas perspectivas de melhoria e de resolução de problemas do meu meio profissional, e também da minha relação com o mundo e com o outro.

Ao longo dos meses, já no mestrado, precisei entender o que mais me incomodava no meu espaço escolar que não contribuía para que meus educandos fossem alunos e não apenas frequentadores de aula.

Sempre entendi a escola como um espaço modificador da realidade de sujeitos, apesar de muitos atores ali promoverem o assujeitamento dos alunos. Eu, como professora, mediadora e cidadã, precisava e ainda preciso contribuir com esses muitos meninos e meninas que passam pelas minhas salas de aula. Mas como começar? Por onde intervir? Quais as intervenções possíveis? Lembrei-me de um anjo torto, de uma menina que roubava livros, de um menino muito maluquinho, de um diário em que havia uma princesa, de um filho que desposou a mãe, de um sapatinho de cristal...

Pensei, então, na leitura como emancipação. A leitura como direito. A leitura como conhecimento do mundo. A leitura para abrir novos mundos. A leitura para se sentir gente. A leitura para humanizar. Mas como fazer esses estudantes lerem? Biblioteca da escola? Eles comprariam os livros? Como dar acesso à leitura? Como garantir que a leitura seja um caminho para que o discente se veja como cidadão? Como formar um leitor emancipado? Autônomo? Humanizado?

Providencialmente, a Prefeitura Municipal de Viana, no ano de 2019, lançou um projeto de leitura para todas as escolas do município que contempla toda a educação infantil, o ensino fundamental e a EJA. A ação é intitulada *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar*. Trata-se de uma grande distribuição de livros aos estudantes da rede municipal. Ao todo, serão seis títulos paradigmáticos para leitura dos educandos não só apenas em sala de aula, como também em casa. Afinal, as obras pertencerão a eles. Essas leituras serão permeadas por aulas orientadas pelos professores, em sua maioria, de Língua Portuguesa.

Esta é a temática principal: *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* experiências polifônicas de leitura no Ensino Fundamental II.

Antônio Cândido, em *O direito à literatura*, explicita por meio de diversos exemplos que a literatura como direito tem o papel transformador de humanizar. Sendo assim, “Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção” (CANDIDO, 1988, p.177).

Candido (1988), em *Literatura e a formação do homem*, nos reafirma por meio de suas pesquisas e estudos que a literatura tem a capacidade de confirmar a humanidade do homem.

Além disso, temos em Bakhtin (2011) *Problemas da poética de Dostoiévski*, a apresentação de um conceito ligado ao romance: a polifonia. Por meio dela percebemos as potencialidades de um texto dialógico, um leitor participante e as personagens que são representativas e rompem com os paradigmas. Logo, tal conceito chama nossa atenção para repensar as práticas da formação de leitor crítico.

A partir dessas reflexões, foram elaborados os seguintes objetivos.

1.1 OBJETIVO GERAL

- * Compreender as contribuições da categoria conceitual de polifonia, presente na arquitetura do filósofo Mikhail Bakhtin, às práticas de leitura propostas pelo projeto literário *Minha biblioteca: Ler, contar e encantar*.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- * Entender o que é polifonia e propor experiências polifônicas de leitura por meio do projeto *Minha biblioteca: ler, contar e recontar* a partir desse conceito.
- * Discutir o espaço e o papel da literatura infantojuvenil do Ensino Fundamental.

- * Criar uma sequência de atividades com leitura das obras adotadas pelo projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar*, a fim de propiciar a vivência de experiências polifônicas de leitura.
- * Produzir um material educativo em forma de e-book reunindo a sistematização das atividades de leituras que podem ser realizadas com os/as alunos(as).

Este relatório de pesquisa pretende seguir o seguinte percurso: no primeiro capítulo, apresentaremos o diálogo com as pesquisas da área que nos auxiliarão no encontro da polifonia como um caminho para a formação de leitores, a partir da nossa problematização e de nosso corpus. No segundo capítulo, mostraremos as bases teóricas da pesquisa, buscando aproximação entre o conceito de polifonia e o círculo nos estudos de Bakhtin aliado ao direito à literatura, não só de Antônio Candido mas também de outros pesquisadores que conversam com a leitura de resistência, como Todorov, Silva e Zilberman buscando a aplicabilidade de seus ensinamentos no contexto escolar e a polifonia. No terceiro capítulo, escreveremos sobre o projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...*, com o qual queremos estabelecer um diálogo. No quarto capítulo, explicitaremos o percurso metodológico da pesquisa, que se guiou pela abordagem qualitativa, com particularidades da pesquisa-ação, por meio de uma observação participante. No quinto capítulo, faremos a exposição da análise de dados a partir da pesquisa-ação. Por fim, no sexto capítulo, traremos nossas considerações finais acerca do resultado de todo processo de diálogo proposto entre o projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* e as experiências polifônicas de leitura que buscam compreender as relações entre a polifonia nas práticas de leitura na escola e a formação do leitor juntamente com o direito à literatura a todos os participantes da pesquisa.

2 DIÁLOGO COM AS PESQUISAS DA ÁREA

O direito à literatura e a polifonia como caminho para formação do leitor crítico na escola apresentam-se como interessante campo de estudos no campo educacional. Partindo da leitura prévia de resumos de teses e dissertações publicadas por instituições, universidades e centros universitários sobre a leitura de literatura no espaço escolar, é possível identificar contribuições que serão sintetizadas em nossa pesquisa a partir dos descritores escolhidos para nossa interlocução: ensino de literatura, direito à literatura, polifonia e formação do leitor.

A partir dessas premissas, buscamos em sistemas acadêmicos universitários, banco de dissertações do programa PROFLETRAS e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), por meio do recorte temporal dos últimos quatro anos, um diálogo com nove dissertações/teses, a partir da correlação desses trabalhos com os nossos descritores.

Optamos pela seleção de pesquisas realizadas neste período devido à contemporaneidade das produções, à abordagem do mesmo segmento de ensino – neste caso, os anos finais do ensino fundamental II –, à mudança de políticas educacionais, com a inserção de novos referenciais curriculares para a Educação Básica e novos projetos de fomento à leitura e ao referencial teórico que dialoga com o que estudaremos.

Para dialogarmos com as produções acadêmicas e conhecermos o que já foi produzido sobre o nosso objeto de estudo, foram pesquisados os seguintes trabalhos:

Quadro 1 – Levantamento de pesquisas

ENSINO DE LITERATURA			
AUTOR (ANO)	TÍTULO	INSTITUIÇÃO/ CIDADE (UF)	OBJETIVO
Yammar Leite de Araújo Andrade (2018)	Ressignificando a prática leitora na escola	Universidade Federal do Triângulo Mineiro/ Uberaba (MG)	Ressignificar a prática leitora na escola e melhorar o desenvolvimento das habilidades de leitura dos alunos, sobretudo, a partir de obras literárias
Wellington Santos (2016)	Leitura dos contos de fadas: do escrito ao audiovisual	Universidade Federal de Sergipe/ Monte Alegre de Sergipe (SE)	Realizar uma releitura subjetiva e posterior reescrita, com o auxílio da identificação de algumas etapas narrativas dos contos de fadas, tanto no texto escrito quanto em sua adaptação para a linguagem audiovisual.
Chrystina Magalhães Gomes dos Santos (2017)	A leitura literária no ensino fundamental: caminhos e desafios para o professor de português	Universidade Estadual Paulista/ São Paulo (SP)	Investigar a influência da formação literária docente nas práticas de ensino de literatura nos anos finais do EF.
DIREITO À LITERATURA			
Flavia Maia Bomfim (2016)	A literatura na escola :um direito, uma necessidade e um fator de humanização	Universidade Federal Fluminense/ Niterói (RJ)	Analisar as leis e os regimentos curriculares que norteiam os currículos da área de Língua Portuguesa (Linguagem, Códigos e suas Tecnologias) no Brasil, e, a partir dessa análise, perceber o papel que a Literatura ocupa para se discutir por que se ensina Literatura.
Daiani Pignaton Souza Silva (2017)	A literatura nos livros didáticos do ensino fundamental II: um estudo de três coleções contemporâneas	Universidade Federal do Espírito Santo/ Vitória (ES)	Debater e investigar o lugar ocupado pela Literatura nos livros didáticos do Ensino fundamental II em face dos materiais didáticos que, em tese, deveriam garantir o Direito à Literatura e à Educação Literária no contexto da educação pública escolar brasileira.
Kelly de Moraes Tarjano Santos (2016)	Leitura literária: direito de todos, dever da escola.	Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro (RJ)	Provar que além de a escola não estar cumprindo seu papel de difusora da prática leitora, é possível promover, na escola pública, a leitura de textos literários.
POLIFONIA E A FORMAÇÃO DO LEITOR			
Solange Esmeralda Costa Barbosa (2016)	Perspectivas conceituais em leitura na escola: a intertextualidade e a interdisciplinaridade a favor da dialogia	Universidade Estadual Paulista/ Assis (SP)	Analisar se o conceito de leitura que os docentes revelam interfere no trabalho didático com leitura na escola.

Andreia do Vale Reis (2015)	Estratégias de leitura : uma contribuição para a formação do leitor crítico e autônomo	Universidade do estado da Bahia/ Santo Antônio de Jesus (BA)	Contribuir na formação do leitor crítico e autônomo por meio da aplicação de estratégias de leitura em textos argumentativos do gênero artigo de opinião
Rodrigo Gonçalves Dias Pitta (2018)	A polifonia nas narrativas musicais de Chico Buarque e a formação do leitor literário no ensino fundamental II	Instituto Federal do Espírito Santo/ Vitória (ES)	Apontar que as narrativas buarqueanas permitem o diálogo com outros gêneros discursivos possibilitando novos caminhos para a leitura literária a fim de estimular a criticidade dos alunos.

Fonte: Elaboração da autora (2020).

A seguir, dialogaremos com os nossos pares, iniciando pelas pesquisas que tiveram por objeto de análise o “ensino de literatura”.

2.1 SOBRE O ENSINO DE LITERATURA

A partir do diálogo com as produções da área correlatas ao tema “ensino de literatura”, buscamos nos sistemas acadêmicos universitários da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (ANDRADE, 2018), da Universidade Estadual Paulista (SANTOS, 2017) e da Universidade Federal de Sergipe (SANTOS, 2016) contribuições dos últimos quatro anos, a contar o ano em que teve início a presente pesquisa, que auxiliassem os estudos sobre o ensino de literatura nos anos finais do Ensino Fundamental, bem como a prática docente na sala de aula e nos espaços escolares.

Embora já exista um acervo significativo de pesquisas no campo do ensino da literatura, é importante destacar que as novas linguagens, perspectivas teóricas e relações entre o livro e a escola trouxeram novos valores e concepções às pesquisas sobre leitura na sala de aula, motivo pelo qual optamos por um recorte temporal dos últimos quatro anos, tendo em vista que houve um fomento à leitura de literatura por programas governamentais como o Programa Nacional da Biblioteca Escolar (1997), potencializando, assim, o ensino de literatura nos anos finais do Ensino Fundamental, além de documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (2018), que preconiza o ensino da Língua Portuguesa por meio do texto.

Além disso, há de se considerar, neste trabalho, que as dissertações/teses selecionadas para dialogar com esta pesquisa não exploram somente o ensino de

literatura nos anos finais do ensino fundamental restrita às aulas de Língua Portuguesa, mas englobam também as demais áreas de conhecimento, a formação dos docentes-leitores e a análise de programas de fomento à leitura, bem como o estudo de documentos que permeiam o assunto tratado.

Yammar Leite de Araújo Andrade (2018), em sua pesquisa intitulada “Ressignificando a prática leitora na escola”, pesquisou sobre o ensino de literatura em turmas de 6º e 7º anos em uma escola pública da cidade de Uberaba-MG. Andrade (2018) questiona como a prática da leitura literária tem sido conduzida e explorada nas salas de aula, uma vez que os índices de proficiência leitora nas estatísticas de provas de larga escala sempre estão baixos na escola pública.

Após o levantamento desse dado, a autora relata que foi necessário investigar como era o ensino de literatura na escola em que trabalhava, colégio público da cidade de Uberaba-MG, como professora de Língua Portuguesa de turmas dos 6º e 7º anos. Afinal, a leitura literária deveria ser a protagonista na sala de aula, dando voz ao universo subjetivo do sujeito leitor e exercendo sobre ele o seu papel transformador.

Suas conclusões foram que havia um decrescente desinteresse pela leitura literária. Com isso, surgiu a necessidade de questionar, refletir e, sobretudo, assumir práticas de ensino que deveriam tratar dessa problemática.

As discussões realizadas por Andrade (2018) têm grande importância em nossos estudos, pois ao propormos um diálogo entre o projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* realizado na escola de Viana, por meio de experiências polifônicas de leitura, também procuramos e fomentamos a Literatura nos espaços escolares e fora deles. Além disso, teremos possibilidades de examinar, questionar e possuir um entendimento mais amplo sobre os procedimentos executados em torno das práticas do ensino de literatura e os resultados que ele poderá trazer.

Andrade (2018), em diálogo com Santos (2017) e Santos (2016), concordam em suas diferentes realidades que o ensino de literatura na escola no que tange aos anos finais do ensino fundamental, na maioria das vezes, inicia-se com a leitura obrigatória de uma obra literária na sala de aula e termina com o preenchimento de questionários

com respostas de certo ou errado e fichas de leitura, ou fica concentrada apenas na leitura de textos fragmentados, presentes nos livros didáticos fornecidos pelo governo. Essa realidade não é distante das nossas instituições escolares.

Na maioria das vezes, os profissionais responsáveis pelo ensino de literatura nos anos finais do fundamental II, por muitas décadas, não tiveram práticas que formassem leitores. Resultado disso é que, no Brasil, estamos cada vez mais fechando livrarias ao invés de solicitarmos políticas públicas que promovam a cultura e a educação com a construção de bibliotecas públicas, teatros e praças, aceitamos um sistema neoliberal que nos enche cada vez mais de shoppings.

Isso é resultado da negação explícita do direito à literatura na sala de aula, pois o ensino da literatura não é feito, não há a intenção de transformar o indivíduo e de mudar a realidade, se, enquanto professora, lanço-me a julgamentos prévios sobre tal obra e quero que os estudantes tenham apenas a impressão que eu julgo a correta.

Os trabalhos de Andrade (2018), Santos (2017) e Santos (2016) têm uma relevância significativa na construção desta pesquisa, uma vez que partimos do princípio de que um trabalho com a leitura de obras literárias não deve se ater ao preenchimento de roteiros e tampouco ser esgotado em avaliações engessadas. Queremos, justamente, com nosso estudo, mostrar uma nova possibilidade para a sala de aula. “Plantar uma semente” por meio do projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar ...* experiências polifônicas de leitura no Ensino Fundamental II, sugerindo práticas polifônicas de leitura, refletindo a respeito dos erros entre outros aspectos. Pretendemos, assim, contribuir para um novo olhar sobre o ensino de literatura.

Tais propósitos confirmam-se em Andrade (2018) quando, em sua pesquisa, ela e a escola se propuseram à reestruturação das bases metodológicas nas aulas de Língua Portuguesa para abrir portas para o ensino de literatura. Desta forma, houve uma ressignificação da leitura na sala de aula, o planejamento anual foi estruturado a partir da leitura literária. Colocou-se, então, o professor como mediador e não mais tradutor de obras literárias. E, conseqüentemente, teve-se uma melhora no desempenho das notas bimestrais.

Wellington Santos (2016), na dissertação “Leitura dos contos de fadas: do escrito ao audiovisual”, afirma que o ensino de literatura nos anos finais do Ensino Fundamental é deficiente no que diz respeito às estratégias de leitura literária e de multiletramento nas aulas de Língua Portuguesa. A pesquisa foi realizada com 30 alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, no Colégio Estadual 28 de Janeiro, em Monte Alegre de Sergipe/SE. É uma escola com cerca de 730 alunos, entre fundamental e médio. Trata-se de uma escola que fica a 40 quilômetros de distância da cidade Porto da Folha/SE, em que se pode, por meio da observação, registrar a realidade do ensino de literatura no ensino fundamental, em que se percebe a deficiência no que diz respeito a estratégias de leitura literária e de multiletramento nas aulas de língua portuguesa.

A literatura não tem o papel de alavancar resultados de provas, contudo, é possível perceber que a sua prática e a sua inserção no cotidiano de quem quer que seja, independentemente de sua classe social, cor ou credo, promovem questionamentos de quaisquer indivíduos que usufruem dela e se entendem como sujeitos do processo.

Logo, Zilbermann (2018) já alerta que as instituições escolares não devem usar a obra literária como um vínculo de obrigação pedagógica. Esse não é seu viés. Trazer a leitura literária para sala de aula não deve ser confundida com as ações comuns que disciplinariam a literatura a fim de catedralizá-la. Muitos consideram que a literatura escolarizada tende a se resumir a leitura curtas, fragmentos de textos literários, muitas vezes, limitados a recortes feitos pelos livros didáticos.

Nossa pesquisa dialoga com essa constatação, quando investigamos de que forma o acesso à obra literária dada ao aluno, para que ele forme sua primeira biblioteca, em consonância ao trabalho polifônico, realizado pelo(a) professor(a) na escola, promoverá um encontro de diversos sujeitos e vozes para a construção do leitor. Contudo, queremos ir além das pesquisas lidas. Almejamos uma proposta pensando não apenas na questão ensino da literatura mas também na polifonia e formação do leitor no espaço escolar e no direito à Literatura. Buscaremos ações que nos permitam conhecer caminhos para que a literatura esteja mais próxima daqueles a quem o direito a tê-la é negado, além de dar voz aos muitos assujeitados do sistema.

Chrystina Magalhães Gomes dos Santos (2017), na dissertação “A leitura literária no ensino fundamental: caminhos e desafios para o professor de português”, procurou estudar a relação entre a formação de professores de português dos anos finais do Ensino Fundamental das escolas municipais de Ensino Fundamental da cidade de Itanhaém-SP e práticas de ensino de literatura juvenil em que também menciona uma ressignificação da atuação profissional do docente. E toca, em boa parte de sua obra, na formação desse professor e nos documentos que impactam diretamente no que temos hoje quanto ao ensino de literatura. Podemos citar, por exemplo, a LDB Nº 5692/1971¹, que reflete até hoje no ensino da literatura na escola, sendo que ela afastou a leitura literária dos bancos escolares, porque o dever da educação nessa época era qualificar a mão-de-obra para o mercado de trabalho.

Ainda, segundo Santos (2017), apenas com a LDB Nº 9394/96², passou-se a ter uma nova perspectiva na educação, a formação crítica dos alunos. Isso ocorreu devido à elaboração de documentos que trouxeram a obrigatoriedade do Ensino Médio e promoveram um eixo da educação infantil com a educação básica. Houve a criação do PCN³, que alertava sobre o distanciamento das práticas de leituras como vertente moralizante ou para estudo de gramática. Além disso, a autora ainda destaca os programas de fomento à leitura, por exemplo, o Pró-leitura, a criação do Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE)⁴ e do PNBE docente.

Santos (2016) também cita o PCN como um auxílio na melhoria do ensino-aprendizagem de língua portuguesa, por meio da leitura literária proficiente e ampliadora do nível cultural de nossos jovens.

¹ A Lei de Diretrizes de Base (LDB) 5692/1971, promulgada após o fim da ditadura de 1964, estabelecia que o 2º grau, atual Ensino Médio, passasse a ter como principal objetivo a profissionalização, ou seja, os(as) estudantes eram formados apenas para o mercado de trabalho.

² A LDB 9394/96 foi criada em 1996 para garantir o direito a toda população à educação gratuita e de qualidade, a valorização dos profissionais da área e a distribuição das responsabilidades entre a União, os Estados e os municípios com a educação pública.

³ Os Parâmetros Curriculares Nacionais é uma coleção de documentos que compõem a grade curricular de uma instituição educativa. Este é uma orientação quanto ao cotidiano escolar. Contudo, em 2018, ele foi substituído pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

⁴ O PNBE existe desde 1997 e tem como objetivo promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos (as) e professores (as) por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.

Embora haja documentos e programas nacionais que respaldem todo o ensino de literatura na escola, com programas nacionais que corroboram o acesso à leitura literária, há um consenso entre as pesquisas de Andrade (2018), Santos (2017) e Santos (2016), de que é complexo mediar a relação entre estudantes e livros numa etapa de ensino que não institucionaliza a literatura como objeto de ensino.

Santos (2017) menciona que no Ensino Médio o aluno recebe listas de obras literárias, estuda períodos literários, porque ele está prestes a entrar na universidade e fará uma avaliação em que será cobrado isso. Logo, estabelecer pontos de encontro entre literatura e as aulas de língua portuguesa é um desafio. Ao se ensinar literatura no ensino fundamental, principalmente nos anos finais, é preciso dialogar entre o currículo e os momentos de fruição leitora, que se tornou o ponto central de tudo que se foi discutido até aqui.

Essa questão precisa ser amplamente discutida pelos profissionais da educação para que se encontre um ponto de equilíbrio entre os documentos, o currículo, as práticas e todo o contexto que é vivido na escola no que se diz respeito ao ensino de literatura no ensino fundamental nos anos finais, fazendo com que ele realmente aconteça nos nossos espaços escolares. Por isso, nossa pesquisa, mais uma vez, dialoga com Santos (2017), já que pesquisamos as práticas sobre as aulas de literatura por meio do trabalho com as obras literárias que o projeto *Minha Biblioteca: ler, contar e encantar* trará. Buscamos promover um encontro entre a literatura e tudo aquilo que nos dispõem os documentos norteadores da educação de qualidade, porque entendemos que eles não são distantes e tampouco tratam de objetos diferentes.

Essencial em nossa pesquisa, o descritor “direito à literatura”, bastante recorrente nas pesquisas acadêmicas, será a base do nosso próximo diálogo com mais algumas produções no âmbito stricto sensu.

2.2 DIREITO À LITERATURA

A respeito do descritor “direito à literatura”, fundamental conceito para o entendimento do ensino de Literatura e conseqüentemente para a formação do leitor, buscamos diálogos com as produções da área que oportunizem o trabalho com o direito à

literatura em sala de aula, principalmente no ensino fundamental II. Optamos por dissertações/teses presentes nos sistemas acadêmicos universitários – Universidade Federal Fluminense (2016) –, e incluímos pesquisas do banco de dissertações do programa PROFLETRAS - Mestrado Profissional em Letras (SANTOS, 2016), e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (SILVA, 2017). Ao contrário do que acontece no descritor “ensino de Literatura” em relação ao ensino fundamental II, há vários estudos que ressaltam o direito à Literatura na escola pública, principalmente após a construção de documentos oficiais que legitimam a Literatura como um direito. Temos como exemplos os Parâmetros Curriculares Nacionais (1995), as Orientações Curriculares Nacionais (2013), a Base Nacional Comum Curricular (2016) e os programas de fomento à leitura como o Programa Nacional do Livro Didático (1937).

Embora tais documentos existam, sejam reconhecidos pelas autoridades, conhecidos nas escolas e pela sociedade, há um entendimento de que eles não garantem o direito à educação, à cultura e ao conhecimento como um todo. Funcionam, na maioria das vezes, como uma obrigação legislativa dentro de manuais, muitas vezes empoeirados na sala da coordenação pedagógica, ou na biblioteca, quando ela existe. Mas a quem interessa tal interpretação dada nas escolas sobre essa regulamentação? Por que educadores desse enorme Brasil ainda não se apropriaram da lei para fazer valer o seu direito e o de diversos alunos, sujeitos que devem ser preparados para serem cidadãos do mundo? Por que esses documentos não garantem o acesso à Literatura? Por esses motivos, e sabendo da contemporaneidade e da necessidade de explorar ainda mais o assunto, optamos por limitar a escolha de pesquisas dos últimos quatro anos, uma vez que já apresentam um perfil de leitor advindo da nova formação curricular e os últimos estudos sobre o panorama da leitura da educação brasileira.

Inicialmente, vale considerar que, em diálogos com os pares, entendemos que a Literatura é um direito instituído e comprovado por lei. Entretanto, aparece como maior destaque no segmento do Ensino Médio, como visto em alguns documentos oficiais analisados pelas dissertações que dialogam com nossa pesquisa.

Bomfim (2016) começa sua análise conceituando a Literatura e afirmando que ela vai além de um direito, é uma necessidade. Em seguida, apresenta documentos oficiais

que resguardam todas as suas constatações, essas voltadas para o Ensino Médio. Procura, por meio de uma linha do tempo, resgatar as leis que versam sobre o direito à Literatura, como a LDB de 1971, em que existia a disciplina Literatura separada das demais; contudo, na versão dada em 1996, mal é citado o termo, que apenas reaparece nos Parâmetros Curriculares Comuns, com a recomendação de trabalho que a trata como tema transversal. E em 2006, as Orientações Curriculares do Ensino Médio, numa tentativa de trazer a Literatura para um lugar de destaque, reduziu-a à fruição e ao deleite.

Embora o trabalho da pesquisadora tenha sido realizado em outro nível de ensino, interessou-nos, uma vez que a autora traz uma contribuição para a reflexão de como tem sido exercido o direito à Literatura num segmento escolar em que a Literatura tem status de disciplina, e mesmo assim não é garantida como um direito. Logo, se essa dificuldade ocorre em uma etapa escolar em que já está estabelecido no currículo o componente curricular e está previsto na lei, queremos, a partir da nossa pesquisa, em diálogo com as informações trazidas por Bomfim (2016), investigar de que forma a Literatura nos anos finais do ensino fundamental II tem sido realizada.

Destarte, as formas com as quais se promova a Literatura na escola ainda não sejam as mais adequadas, não podemos negar que há uma tentativa por parte de uma parcela de pesquisadores, educadores e sociedade civil em fazer valer a Literatura como direito. Afinal, o aluno tem direito de ter a Literatura como um dos pilares de sua formação como indivíduo e é esse um dos objetivos da nossa pesquisa.

Santos (2016) e Silva (2017) também dialogam com Bomfim (2016) ao estudarem documentos oficiais que garantam o direito à Literatura. Eles mencionam os PCNs em todas as pesquisas feitas. No entanto, Silva (2017) mostra também uma análise do PNLN como instrumento que também garantiria o direito à Literatura nos espaços escolares, focalizando o ensino fundamental II.

Santos (2016) apresenta inicialmente uma visão geral de como é vista a Literatura em seu corpus de pesquisa. Ele a define como um objeto de luxo, distante do contexto sociocultural e traz uma condição elitizada de quem lê textos literários. Por isso, proporciona uma reflexão sobre como a Literatura tendo sido praticada, já que ela é

um direito de todos. E ainda incita um maior desdobramento de informações sobre os alunos, para que eles tenham conhecimento de seus direitos e deveres.

Essa realidade trazida por Santos (2016) não é algo peculiar. Deparamo-nos no dia a dia com estudantes que dizem o quanto a Literatura é difícil. Por outro lado, temos professores que não acreditam que seus educandos possam ser atraídos por um texto literário, subjetivo, denso, porque também tiveram docentes que achavam isso deles.

Esquece-se, então, de que a Literatura possibilita acessar variadas dimensões do sujeito, que ela possui efeitos transformadores, porque o leitor não quer ouvir a sua voz, mas dimensionar a voz do outro, encarar a realidade que está distante dele, mas ao mesmo tempo perto. Sendo assim, se a Literatura humaniza o sujeito, forma-o para ser um cidadão crítico. Logo, é válido dizer que ter acesso a textos literários como sinônimo de boa leitura é direito de todos e dever da escola. Afinal, o aluno que é um cidadão, em processo formativo, não pode ter negado em sua vida social o prazer estético concebido pela Literatura. Portanto, a discussão levantada por Santos (2016) tem relevância em nossos estudos, auxiliando-nos nas reflexões sobre como a polifonia e a formação do leitor estão intrinsecamente ligadas ao direito à Literatura. Afinal, a proposta de nosso trabalho, além de investigar um projeto que dá acesso ao livro, também tem a perspectiva de elaborar e promover práticas polifônicas de leitura para contribuir na formação de leitores capazes de exercer a sua cidadania, bem como seus direitos, por meio de realidades que se chocam, mas que também conversam.

Silva (2017) faz um capítulo específico para comprovar que a lei do direito à literatura existe também no ensino fundamental II, porém nos entristece, uma vez que mostra que essa norma aconteça apenas no papel. Vê-se o direito ao texto literário sem pretextos datados no PCN de 1998, embora a escola, pela maneira como ensina Literatura, tenha negado esse direito.

A literatura vem sendo pretexto para ensino de gramática e esse dado confronta o Direito à Literatura proposto por Antonio Candido (1988), e sendo assim, fere nossos direitos enquanto cidadãos, já que a Literatura é um bem incompressível e inalienável (SILVA, 2017, p. 86).

Ainda Silva (2017), em seus estudos, detecta que a Literatura é trabalhada no ensino fundamental II por meio do livro didático, situação também mostrada por Bomfim (2016) e Santos (2016). Inclusive, vale destacar que Silva (2017) faz uma análise de livros didáticos na intenção de pesquisar sobre o direito à Literatura nas escolas públicas considerando que esse instrumento é o que, na maioria dos casos, mantém o contato com os textos literários. Desta forma, ela mostra que a Educação Literária está mais uma vez sendo negada, ou seja, o direito à Literatura não está sendo concedido, porque apenas a escola, de forma limitada, na maioria das vezes, por meio de livros didáticos, possibilita o acesso dos alunos à Literatura. Desse modo, há uma confirmação de que não se coloca em prática o que dizem os documentos.

A pesquisa que desenvolvemos dialoga com essa perspectiva, uma vez que ela fará um contraponto ao que Silva (2017) trouxe até aqui. Abordamos a Educação Literária por meio de obras literárias que ecoam a voz de diversos sujeitos, mostrando, então, que, quando os governantes promovem o que dizem os documentos, ou seja, dão acesso não só ao livro, mas também a formas para conduzir um trabalho que ocorra de maneira a ampliar visões de mundo formando assim leitores críticos, garantimos que a lei saia do papel e se materialize na vida do sujeito.

Em todas as pesquisas, o contato com o texto literário reduz-se a atividades com textos literários fragmentados que trazem uma série de atividades que buscam a superficialidade do eu e pouco trabalham a fruição literária e a obra literária. Realidade também encontrada por nós, infelizmente. Entretanto, com o projeto, vemos a possibilidade de um novo fôlego para aulas de literatura em que haja o contato e o consumo de obras literárias, de histórias que poderão ecoar na nossa história e de outros sujeitos, provocando em todos uma humanização.

Para Bomfim (2016), a “[...] Literatura desenvolve o pensamento crítico e a capacidade de análises mais complexas” (BOMFIM, 2016, p.32). Logo, essa disciplina é imprescindível para o currículo do indivíduo, principalmente na nova forma de organização dos saberes e suas teorias. A autora ainda traz uma reflexão que precisa ser pensada por todos que fazem parte do ato de educar e lutam pelos direitos, principalmente, o da Literatura. O que explica a inércia dos educadores brasileiros que veem a Literatura ser retirada das grades curriculares e reduzida ao ensino de gêneros

textuais e sendo usada como pretexto para o ensino de gramática? Por que, se temos uma lei que resguarda o direito à Literatura, deixamo-la apenas no papel?

O objetivo de se estudar o projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* experiências polifônicas de leitura no ensino fundamental II” é mostrar que a Literatura, em quaisquer segmentos de ensino, faz com que o aluno, ao entrar em contato com os textos e retirar deles os sentidos que encontrar, busque a melhor maneira de propiciar a abstração de ideias e o entendimento das formas mais complexas do mundo e do sujeito. Por isso, ela deve ser um direito a ser defendido e gozado por todos. Assim, em nossos estudos, nas reflexões sobre polifonia e formação do leitor baseadas em Mikhail Bakhtin (2011) e no Círculo, apuraremos o nosso olhar para a promoção desses processos polifônicos entre os professores, os alunos, os livros e a comunidade escolar, no intuito de criar oportunidades de debates e trocas de experiências voltadas para práticas de leitura, rompendo, assim, o processo estanque de não direito à Literatura, de não humanização, de não conhecimento do “eu” e, por que não, do outro.

O descritor “polifonia e formação do leitor”, também fundamental para o desenvolvimento da nossa pesquisa, será a base do nosso próximo diálogo com mais algumas produções acadêmicas.

2.3 POLIFONIA E FORMAÇÃO DO LEITOR

Apropriando-nos dos diálogos com as produções da área sobre o tema “polifonia e formação do leitor”, descritores desta pesquisa, buscamos nos sistemas acadêmicos universitários, Universidade Estadual Paulista (BARBOSA, 2016), e incluímos pesquisas do banco de dissertações do programa PROFLETRAS - Mestrado Profissional em Letras - (PITTA, 2018; REIS, 2015), contribuições dos últimos quatro anos que auxiliassem na compreensão da prática leitora, sob a ótica da experiência. Entretanto, ao lançarmos os descritores “polifonia e formação de leitores” juntos encontramos apenas 7 trabalhos. Desses trabalhos, alguns falavam apenas sobre a polifonia, procurando mostrar proposições. Já outros mencionavam a formação do leitor, mas sem a abordagem polifônica, que é a pretensão dessa pesquisa. Percebemos a escassez de títulos abrangendo especificamente o trabalho com a

polifonia e a formação de leitores do Ensino Fundamental II. Tal fato deixa claro que, apesar dos problemas envolvendo a leitura no Brasil, ainda é preciso avançar consideravelmente nas pesquisas sobre polifonia e práticas de leitura literária desenvolvidas nos ambientes escolares, como parte integrante dos programas de ensino de Língua Portuguesa nos últimos anos do Ensino Fundamental. Por esse motivo, e sabendo da contemporaneidade e da necessidade de explorar ainda mais o assunto, optamos por limitar a escolha de pesquisas dos últimos quatro anos, uma vez que já apresentam um perfil de leitor advindo da nova formação curricular e os últimos estudos sobre o panorama da leitura da educação brasileira.

Inicialmente, em diálogos com os pares, entendemos que a polifonia como um caminho para formação do leitor, vai além do letramento literário tão discutido e usado por autores/pesquisadores e professores nas escolas brasileiras. Diante de tal afirmativa, Barbosa (2016) mostra um estudo em que avalia a prática da leitura na escola considerando para isso a análise do que é leitura e qual é o trabalho sobre leitura que se faz nos espaços escolares para formação de leitores críticos. Por meio de sua pesquisa, a autora concluiu que os professores acreditam, senso comum, que os alunos não gostam de ler ou leem apenas o que gostam. Entretanto, a pesquisadora aponta que essa prerrogativa é errônea, até mesmo porque o adolescente e a criança nunca leram tanto como hoje devido aos diversos meios que a tecnologia nos trouxe. Sendo assim, ela entende que os docentes precisam construir um trabalho que seja dialógico. Afinal, a língua é vista como interação e é isso que faz o estudante ser leitor, o processo de interação com a leitura.

Barbosa (2016) ainda cita em sua pesquisa o documento *Por Uma Política de Formação de Leitores* (BERENBLUN, 2009), em que são apontados números sobre os leitores no país. O que mais lhe chamou atenção foi que o Brasil possui 35% de leitores frequentes, portanto, reforça a importância da escola enquanto estimuladora e incentivadora da leitura.

Todas as afirmações apontadas por Barbosa (2016) até aqui dialogam com nossa pesquisa, pois compreendemos a leitura como um processo interativo e, por isso, por meio de nosso corpus, almejamos sair do senso comum docente, mostrando que, por meio de ações polifônicas, podemos contribuir com a formação de leitores críticos.

Pretendemos fazer da escola um espaço que acolha as muitas vozes que estão dentro dela para formarmos leitores. Consideraremos, em nosso projeto, a aproximação do costume leitor dos alunos aos temas e conteúdos produzidos pelos mais diversos saberes.

Ainda Barbosa (2016) defende em sua pesquisa dizendo que é preciso romper com a estrutura monológica do texto, porque a educação exige novos paradigmas. Deve-se, para isso, buscar critérios de formação leitora baseados na coerência, intertextualidade e interdiscursividade que trarão outras vozes textuais para a leitura.

Barbosa (2016) afirma que:

Ao referir-se à ideia, Bakhtin, conforme Freitas (2011) transcende a análise intertextual, buscando compreender a voz do outro presente no texto, mesmo quando o texto aparentemente não a apresenta, num processo denominado interdiscursividade, o que, para o autor, colabora para análises mais profundas das ideologias que os textos se encarregam de veicular e isso colabora para a formação crítica dos leitores (BARBOSA, 2016, p. 58- 59).

Considerando o foco da nossa pesquisa de apresentar a polifonia como um caminho para formação do leitor por meio da investigação do projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* entendemos que Barbosa (2016), ao mencionar os aspectos de intertextualidade e interdiscursividade baseando-se nas diversas vozes que o texto traz para o leitor, dialoga amplamente com nosso trabalho. Pretendemos investigar como a interação com a voz do outro, que vem do texto, articula-se com a do aluno, fazendo com que ele se sinta instigado a ser cada vez mais um apreciador de Literatura, para que, assim, se forme como um leitor que entende o papel transformador da Leitura e seu poder também humanizador.

Pitta (2018) em sua pesquisa usou o mesmo referencial teórico em que o nosso trabalho está alicerçado. Traz por meio de uma seção intitulada o conceito Bakhtiniano de polifonia e sua ressonância na crônica musical de Chico Buarque que tem como subtítulo “A polifonia Bakhtiniana”, estes conceitos que também serão usados por nós. Logo, dialogamos amplamente com seus estudos.

Pitta (2018) dialoga com a polifonia nas narrativas musicais de canção de Chico Buarque para formação de leitores no ensino fundamental II, principalmente com os/as alunos(as) de 8º e 9º anos, em vários capítulos de seu trabalho, em que aponta a polifonia como um caminho para formar leitores. O autor concluiu que:

Assim, o falar a e com os alunos, possibilitando que eles desenvolvam o diálogo com suas réplicas e trélicas, configura uma forma de estímulo à criticidade tão necessária à transformação da sociedade e, considerando o atual cenário do crescente autoritarismo, à resistência aos padrões monológicos de pensamento que tentam coibir a responsividade dos cidadãos de nosso país (PITTA, 2018, p. 53).

Sob esta ótica, o trabalho de Pitta (2018) aproxima -se da nossa pesquisa na busca de mostrar a polifonia e tudo que advém dela como uma das formas para formar alunos leitores. Apesar de não usarmos as riquíssimas narrativas de Chico Buarque, queremos, por meio das seis obras literárias, que o projeto *Minha Biblioteca: ler, contar e encantar* disponibilizará aos estudantes de ensino fundamental II, promover um diálogo entre livros, autores, alunos, professores, desconsiderando quaisquer práticas monológicas de ensino que, por muitas vezes, foram citadas em outras dissertações e são frequentes em nossas salas de aula.

Não menos importante, entretanto, por último, dialogamos amplamente com Reis (2015), que compreende que o ato de ler contribui para melhoria de vida e que as ações escolares influenciam diretamente na construção do leitor enquanto sujeito crítico e autônomo. Além disso, ela reflete que com os avanços tecnológicos e científicos o ato de ler mudou, pois a sociedade passou a ser global. Hoje são inúmeros os suportes que atendem nossos estudantes como plataformas, notebooks, leitores de livros digitais entre outros.

Nossa pesquisa dialoga com estudos de Reis (2015), porque também considera essa mudança na sociedade, contudo, ainda trabalharemos com a perspectiva da leitura da obra literária física, pois mesmo sabendo a forma como os indivíduos estão organizados e desenvolvem-se, o público-alvo que atenderemos ainda está aquém de ter em mãos suportes como “ipad” e celulares de ponta. Eles representam 70% da população pobre, segundo pesquisas, que têm em casa a televisão como agente formador.

Reis (2015, p. 17) chama a atenção em seus estudos para a perspectiva dialógica do texto e da relação com o leitor. “Na perspectiva dialógica, o leitor, enquanto sujeito que interage, apresenta uma função essencial, cabe a ele construir o sentido ao que lê...”, concepção bem próxima ao que pretendemos realizar em nossa pesquisa com a investigação do projeto *Minha Biblioteca: ler, contar e encantar*.

Reis (2015, p. 17) ainda nos mostra em seu trabalho que:

Sabemos que esse processo não se aplica apenas à leitura do texto escrito, não podemos esquecer que —a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar (BAKHTIN, 2011). Dialogar engloba toda ocorrência de linguagem, mas requer produção e compreensão de sentidos de forma crítica e autônoma em diversos contextos de interação.

Nesse sentido, as discussões realizadas por Reis (2015) tiveram grande relevância em nossos estudos, auxiliando-nos não somente nas reflexões sobre como formar um leitor no ensino fundamental II, mas também para procurar caminhos para a compreensão da polifonia nas práticas de leitura. A nossa pesquisa objetiva, então, lutar contra a formação de leitores estritamente decodificadores. Não podemos nos contentar com a mecanização da leitura por parte da escola. É essencial que essa instituição promova o desenvolvimento de sujeitos ativos no enfrentamento e na transformação das relações sociais existentes que se encontram em constante mudança e são formados por diversas vozes.

Em síntese, mapeando as produções acadêmicas, é possível identificar contribuições significativas a respeito dos descritores ensino de literatura, direito à literatura e polifonia e formação do leitor”, conforme abaixo relacionados:

- 1) O trabalho de Andrade (2018), por apresentar a perspectiva de um novo ensino de Literatura na escola, buscando, sobretudo, a ressignificação da prática leitora.
- 2) O trabalho de Santos (2017), por propor em seus estudos a atuação do professor de Língua Portuguesa e trazer a discussão em relação aos possíveis caminhos e também aos desafios para o ensino de Literatura no ensino

fundamental II, consoante às prerrogativas de documentos oficiais de educação.

- 3) O trabalho de Santos (2016), por apresentar por meio de sua prática de ensino de Literatura uma forma inovadora e pontual, provocando no leitor a reflexão sobre todo o cenário da sala de aula que nos é apresentado hoje.
- 4) O trabalho de Bomfim (2016), por ratificar por meio de uma linha histórica a Literatura como um direito e apresentar-nos como uma disciplina escolar imprescindível para o currículo de qualquer indivíduo. Embora seus estudos estejam voltados para o Ensino Médio, a autora utiliza-se de conceitos relevantes para este estudo.
- 5) O trabalho de Santos (2016), por apresentar a Literatura como um direito, uma vez que ela democratiza o ensino e forma sujeitos críticos e atuantes na sociedade, como preconiza os PCNS (1998). A autora colabora para o entendimento de que a leitura literária é um direito de todos.
- 6) O trabalho de Silva (2017), por analisar as coleções didáticas que são utilizadas de forma errada, fazendo com que o direito à educação literária seja negado, já que, por muitos estudantes, esses instrumentos são os únicos meios de acesso à Literatura.
- 7) O trabalho de Barbosa (2016), por mostrar o quanto se faz necessário romper com a estrutura monológica do texto, porque a educação exige novos paradigmas e é por meio do embasamento com novos critérios da formação leitora, alicerçados na intertextualidade e na interdiscursividade, que se formarão leitores no ensino fundamental II.
- 8) O trabalho de Pitta (2018), por apresentar a polifonia como um caminho para a formação do leitor crítico no ensino fundamental II. Mostrar em sua pesquisa que a polifonia dialoga com o eixo de formação de leitores e é absolutamente necessário e passível de aplicação no contexto escolar.

- 9) O trabalho de Reis (2015), por refletir que os avanços científicos e tecnológicos transformaram a sociedade. Por isso, o ato de ler mudou, e a formação do leitor necessita acompanhar essa mudança. Além disso, diante desse processo novo, cabe à escola fazer da leitura um espaço polifônico para formação de leitor, contribuindo para debates, perguntas e outras ações.

Essa abordagem não se esgota com os trabalhos descritos, mas apresenta a maioria dos objetos de pesquisas utilizados nos últimos anos. Essa primeira associação servirá de base para os próximos diálogos, tendo em vista os descritores “ensino de literatura”, “direito à literatura” e “polifonia e a formação de leitores”, que subsidiaram todo o trabalho. Assim sendo, no capítulo seguinte, serão analisados os referenciais teóricos que sustentarão o diálogo com o nosso objeto de pesquisa.

3 ERA UMA VEZ... MINHA BIBLIOTECA: “LER, CONTAR, ENCANTAR...”

Na última década, o Brasil passou a ter alguns projetos de fomento à leitura em âmbito nacional que impulsionaram o acesso aos textos, sejam eles literários ou não. Podemos citar, por exemplo, o Plano Nacional de Livro e Leitura (2006)⁵, no governo Lula, que trouxe diretrizes básicas para assegurar a democratização do acesso ao livro, o progresso e a valorização da leitura e o fortalecimento da cadeia produtiva do livro como fator relevante para o incremento da produção intelectual e o desenvolvimento da economia nacional. Além dele, podemos mencionar o Programa Nacional Biblioteca na Escola (1997), que procurou equipar as bibliotecas de todo o território nacional com a compra de livros não apenas literários, como também aqueles que dariam suporte teórico aos profissionais da educação.

Britto (1998), em *Promoção da leitura e cidadania*, discute a serventia dos programas de promoção de leitura e compartilha conosco que eles existem porque [...] “se crê que as pessoas leem pouco e que ler é um comportamento que vale a pena ser estimulado” (BRITTO, 1998, p. 75). Além disso, os programas tendem a chegar àqueles que são, na maioria das vezes, excluídos da sociedade, têm menos acesso à leitura, ficam à margem da sociedade.

Percebemos tal afirmativa pela qualidade e quantidade de leitores que temos indicados por pesquisas como *Retratos da Leitura no Brasil*⁶. A pesquisa de 2016

⁵ O Plano Nacional do Livro e Leitura teve sua origem com a criação Ano Ibero-Americano da Leitura em 2005, que culminou com a criação do Prêmio Viva Leitura. A partir de então, durante os anos de 2005 e 2006, em todo o País, organizaram-se mais de 150 reuniões onde sugestões valiosas e fundamentais foram propostas com o propósito de elaborar um Plano de Governo. Participaram desses debates representantes de todas as cadeias produtivas do livro – editores, livreiros, distribuidores, gráficas, fabricantes de papel, escritores, administradores, gestores públicos e outros profissionais do livro –, bem como educadores, bibliotecários, universidades, especialistas em livro e leitura, organizações da sociedade, empresas públicas e privadas, governos estaduais, prefeituras e interessados em geral.

Em 10 de agosto de 2006, os então ministros da Cultura e da Educação, Gilberto Gil e Fernando Haddad, respectivamente, instituíram o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, consolidando o resultado dos debates realizados ao longo de 2005 e 2006, por meio da Portaria Interministerial nº 1.442. Disponível em <http://snbp.cultura.gov.br/pnll/> Acesso em 20 de jan. de 2021.

⁶ A *Retratos da Leitura no Brasil* passou a ser realizada pelo IPL a partir da segunda edição, em 2007, e chega à sua 5ª edição em 2019 (lançada em 2020). É a única pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados e se tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros. Ampliando esse estudo para conhecer outros leitores, espaços e desafios para a formação do leitor e o acesso ao livro, em 2019 o IPL também lança a *Retratos da Leitura em Bibliotecas Escolares* e a

relata que 30% da população brasileira nunca comprou um livro. E ainda assim, nosso país possui poucos programas que incentivam a leitura, além dos sérios problemas na formação de leitores e no acesso às leis que garantam o direito à leitura.

Essa realidade não é diferente no município de Viana, que possui cerca de 14 mil alunos, estudantes do 1º ao 9º ano do ensino fundamental e EJA, segundo o censo escolar de 2019. Então, a partir dessa problemática, a Prefeitura Municipal precisou tomar algumas decisões para resolver tal impasse e, em contrapartida, melhorar o ensino da educação básica. Dentre elas, a reforma do Projeto Político Pedagógico e a construção de planos pedagógicos de intervenção por unidade de ensino em que a leitura fosse o destaque.

No ano letivo de 2019, surgiu o projeto literário *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* como uma ação do Programa Municipal Inova Escola⁷. Sendo assim, de acordo com o projeto apresentado pela prefeitura, a justificativa para a ação dá-se, pois:

As unidades escolares em suas ações pedagógicas não possuíam uma prática consistente de leitura compartilhada com o trabalho de literatura. Logo, a leitura compartilhada precisava ganhar mais espaço no cotidiano escolar, pessoal e social promovendo o intercâmbio de ideias sobre o que era lido, aprendido e repassado na ponte escola/família/sociedade. O pouco acesso e a ausência de obras literárias disponíveis individualmente para cada estudante impossibilitavam a prática da leitura compartilhada/colaborativa, assim como, o enriquecimento e/ou criação da biblioteca individual (VIANA, 2019).

Abrimos um parêntese aqui para uma reflexão trazida por Castrillón (2011), em *O direito de ler e de escrever*. A autora ressalta que devemos entender a educação como algo maior do que apenas ensinar conteúdo ou disciplinar alunos. O ensinar deve acontecer por meio de diálogo e muita comunicação. Portanto, a educação também se constitui por meio da leitura. Entretanto, ela acredita que se tem negado isso nas

Retratos da Leitura em eventos do livro e literatura. Disponível em <http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>. Acesso em 20 de jan. de 2021.

⁷ O Programa Municipal de Desenvolvimento Educacional - Inova Escola tem por objetivo a ampliação do tempo e espaços de aprendizagens, permanência e melhoria da qualidade da educação de todos os alunos matriculados no Sistema Municipal de Ensino de Viana.

escolas, principalmente, porque ainda não entendem o caráter político que a educação deve ter.

Britto (1998) também nos chama atenção para algo que deve permear nosso entendimento enquanto formadores de leitores, [...] “A leitura não é a tábua da salvação de ninguém nem necessariamente nos faz melhores ou mais solidários nem é o leitor um sujeito desarraigado de sua condição de classe ou um ser carente que encontra na leitura a redenção individual” (BRITTO, 1998, p.77).

Retomando o projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...*, é importante conhecer a sua dinâmica desde o início e quais resultados são esperados por meio dele. Em um primeiro momento, a ação nasceu da Secretaria de Educação, que tem como secretária uma professora de Língua Portuguesa que entende a potência que a leitura pode oferecer para a formação integral do aluno. A partir dela e de uma comissão formada por técnicos pedagógicos, decidiu-se que os estudantes da rede montariam a primeira biblioteca em casa, por meio do projeto literário.

Como os alunos formariam uma biblioteca em casa? Os discentes receberam, ao longo de 2019⁸, seis títulos de obras literárias, que foram escolhidos pelos técnicos pedagógicos que trabalham na Secretaria de Educação, incluindo a responsável pela gestão dos espaços de leitura e bibliotecas das escolas da rede, que usou um levantamento dos livros mais lidos na biblioteca no ano anterior.

Neste ponto do projeto, temos uma crítica a ser tecida, pois não sabemos quais foram os critérios utilizados na escolha das obras e eles não foram descritos em nenhuma parte do projeto literário para maiores esclarecimentos. Além disso, acreditamos que a seleção das obras precisaria passar por vários atores e, principalmente, pelos mais significativos deles, os/as alunos (as). Isso, inclusive, dialogaria com todo o arcabouço teórico⁹ que foi usado na escrita desse projeto literário, já que a maioria dos autores

⁸ A compra dos livros ocorreu por um planejamento financeiro (uma reserva) durante os últimos 5 (cinco) anos da Secretaria de Educação. O investimento feito na aquisição dos livros foi de R\$3.077.583,10 e contemplou aquisição das quase 97 mil obras literárias para alunos da Educação Infantil ao Ensino Fundamental.

⁹ O projeto possui orientações teóricas que perpassam por muitos pesquisadores. Dentre eles destacam-se Mikhail Bakhtin, Luiz Antônio Marcuschi, João Wanderley Geraldi, Isabel Solé e Antonio

por ele citados acredita não só em uma perspectiva enunciativa-discursiva da língua, mas também do(a) estudante como sujeito histórico. Logo, os(as) discentes teriam muito com o que contribuir.

Para reforçar as ações do projeto, a secretária de educação, Luzian Belizário, disse em entrevista ao jornal da cidade¹⁰: “As escolas têm diversas iniciativas de leitura e todas as 37 escolas têm espaço de leitura. Mas, com esses livros, que serão deles, queremos despertar ainda mais o gosto e o zelo pela leitura”.

O projeto foi apresentado a todos os professores na primeira reunião geral que ocorreu em fevereiro, início do ano letivo de 2019, no auditório municipal. É importante ressaltar que a obra deveria ser trabalhada por todos os docentes, não seria uma ação realizada única e exclusivamente pelo professor de Língua Portuguesa.

Em seguida, era necessário escolher a ordem de trabalho dos livros. Ela aconteceu inicialmente na escola entre os professores e estendeu-se em uma reunião com as sugestões das escolas que foram levadas por um representante. Essa ação foi justificada devido à macroextensão do projeto. Sabe-se que alguns alunos se matriculam ao longo do ano letivo, outros pedem transferência para outra unidade de ensino do município, além da própria logística de distribuição. Houve a distribuição aproximadamente de cerca 96 mil livros até o final do ano letivo de 2019.

Ratificando o que foi descrito anteriormente, na descrição da metodologia do projeto, lê-se:

O desenvolvimento do projeto e acesso de cada aluno aos 06 (seis) livros, acontecerá de forma gradativa no decorrer do ano letivo. Cabe a equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação-SEMED juntamente com os professores e o trio gestor de cada escola definir a sequência da leitura dos livros de cada Turma/Ano/Segmento, tendo em vista que é um projeto institucional com foco na criança/educando, para melhor viabilização de todo processo pedagógico, assim como a entrega nas unidades de ensino. A proposta definida por cada escola será encaminhada em mãos pelos professores, representantes de cada unidade escolar. Após a definição da sequência dos livros (1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º), as práticas pedagógicas

Candido. Contudo, não há uma metodologia específica para o trabalho com as obras literárias, há indicações de estratégias com a leitura.

¹⁰ O jornal da cidade de Viana é uma iniciativa da Secretaria de Comunicação da prefeitura e distribuído mensalmente nas repartições públicas e comércios do município. Nele há divulgação de projetos, obras e demais notícias a respeito da administração da cidade.

acontecerão com a riqueza literária que todo professor e aluno sonham em poder realizar nessa sociedade contemporânea (VIANA, 2019).

Terminada essa etapa, os livros começaram a ser distribuídos por mês nas unidades de ensino e trabalhados interdisciplinarmente ao longo de todo ano letivo. A equipe técnica da secretaria juntamente com os (as) pedagogos(as) desenvolveu itinerários de trabalho com as obras.

Apresentaremos, a seguir, as orientações dadas pela Secretaria de Educação:

Quadro 2 – Projeto Minha Biblioteca, Prefeitura Municipal de Viana

ORIENTAÇÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DO TRABALHO COM O PROJETO LITERÁRIO MINHA BIBLIOTECA: LER, CONTAR E ENCANTAR FEITAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VIANA	
RESPONSÁVEIS	ACÕES DESENVOLVIDAS
Equipe da Secretaria de Educação	<p>A doação de 06 (seis) livros de Literatura para todos os alunos matriculados no sistema Municipal de Ensino;</p> <p>Definição de metas e diretrizes gerais;</p> <p>Acompanhamento dos resultados alcançados pelas escolas por meio dos indicadores selecionados;</p> <p>Promoção de oficinas de leitura;</p> <p>Organização de formações para pedagogos, diretores e professores orientando sobre a proposta de leitura compartilhada e distribuição das obras;</p> <p>Colaboração para potencializar o trabalho nas escolas do campo;</p> <p>Divulgação de informações sobre a plataforma.</p>
Equipe pedagógica da escola	<p>Conhecimento, divulgação e informações sobre a plataforma do Projeto;</p> <p>Planejamento junto com os professores das atividades/projetos/seqüências didáticas a serem lançadas na plataforma digital;</p> <p>Estabelecimento do “Dia do Ler, Contar, Encantar...” que deverá acontecer toda semana. Nesse dia, deverá ser lido e debatido com os alunos textos de diferentes gêneros textuais definidos nos momentos de planejamento e ou a partir do interesse dos grupos de alunos;</p> <p>Confecção de mural sobre o projeto;</p> <p>Organização de oficinas de leitura;</p>

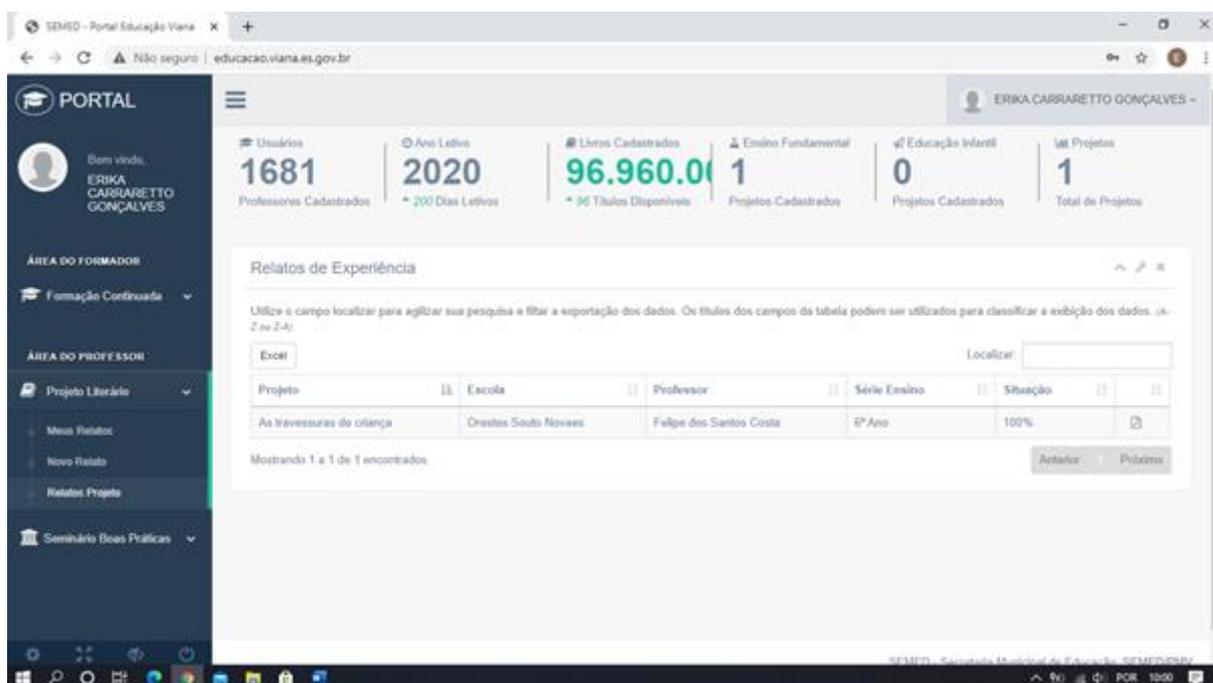
	<p>Organização de feiras literárias; Separação do acervo e organização dos livros, por ano/série;</p> <p>Realização do “Lançamento do Projeto” convidando toda comunidade escolar, um contador de histórias, um autor de livro ou preparando um teatro de um bom livro na escola. Ou ainda, propor outra ação similar</p>
Família	<p>Planejamento semanal de atividades para o dia do Ler, Contar, Encantar...</p> <p>Apresentação de vídeos sobre a importância da leitura;</p> <p>Exposição na sala de aula de algumas produções textuais baseadas nas leituras;</p> <p>Finalização do projeto/atividade ou sequência didática apresentando na plataforma por meio de fotos as aprendizagens da turma;</p> <p>Inserção na plataforma do Projeto a proposta de trabalho;</p> <p>De acordo com o Termo de Compromisso em anexo, cabe ao professor da Unidade de Ensino a guarda e conservação do acervo de sua responsabilidade;</p> <p>A ficha deverá ser utilizada para empréstimo dos livros paradidáticos utilizados conforme cronograma;</p> <p>Caso o livro não seja devolvido, a escola deverá intensificar o trabalho de conscientização junto aos professores sobre a necessidade de sua reutilização durante o período do projeto</p>
Família	<p>O sucesso é a participação ativa dos alunos com suas famílias, inseridos nessa proposta inovadora como principais protagonistas envolvidos em todo o processo de implantação, implementação e ressignificação da prática no cotidiano escolar, como um instrumento de interação e desenvolvimento socioambiental.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2020), com informações extraídas do Projeto Minha biblioteca: Ler, Contar, Encantar, publicado pela Prefeitura Municipal de Viana

Destacamos que essas ações, em alguns momentos, chocam-se com a nossa proposta de práticas polifônicas, pois entendemos que todo e qualquer trabalho desenvolvido com a leitura precisa acontecer a partir do diálogo com o outro, bem como não ser acabado, já que a construção do sujeito/leitor acontece diariamente. Não se vê até aqui qual é a participação efetiva dos alunos, ou seja, em que momento suas vozes serão ouvidas.

Definidas as orientações, cada professor(a) utilizou sua estratégia com as obras e o trabalho com o projeto começou a ser realizado ao longo de 2019. Contudo, a Secretaria de Educação criou o Portal da Educação¹¹, para que os(as) docentes compartilhassem relatos das práticas de leitura realizados por meio do projeto literário.

Figura 1 – Portal da Educação do município de Viana-ES



Fonte: Captura de tela feita pela autora (2021).

Ao longo de 2019, segundo o Portal da Educação, foram cadastrados mais de 100 relatos de práticas leitoras no município com os livros do projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar*.

No fim do ano de 2019, os(as) professores(as), seguindo as orientações da Secretaria, essas já foram apresentadas anteriormente, fizeram o encerramento do projeto em cada unidade ensino.

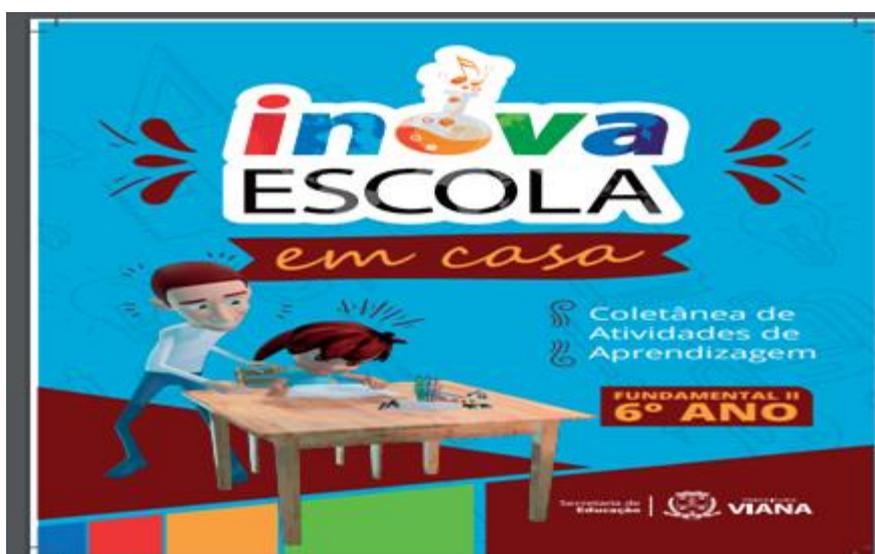
Já em 2020, todos fomos surpreendidos pela Pandemia da Covid-19 que levou o afastamento de 48 milhões de estudantes das salas de aula, segundo o censo escolar

¹¹ O Portal da Educação foi criado em 2019 pela Secretaria de Educação com o intuito de ser um canal de comunicação entre os profissionais da rede, por isso, alguns documentos não estão liberados para o público em geral. Disponível em: <<http://educacao.viana.es.gov.br/>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

divulgado pelo Inep (2019). Todo esse contexto impactou o projeto literário, bem como toda a forma de ensinar.

No município de Viana foram usadas coletâneas de atividades (APNPs)¹². Essas tratam da reunião de atividades que foram elaboradas pelos(as) técnicos(as) da secretaria em parceria com formadores(as) e professores(as) de todos os componentes curriculares. As apostilas foram distribuídas pelas escolas aos alunos(as), já que os(as) estudantes não têm condições de participar das aulas on-line, por não possuírem acesso à internet e aos dispositivos eletrônicos necessários.

Figura 2 – Capa da Coletânea de Atividades de Aprendizagem

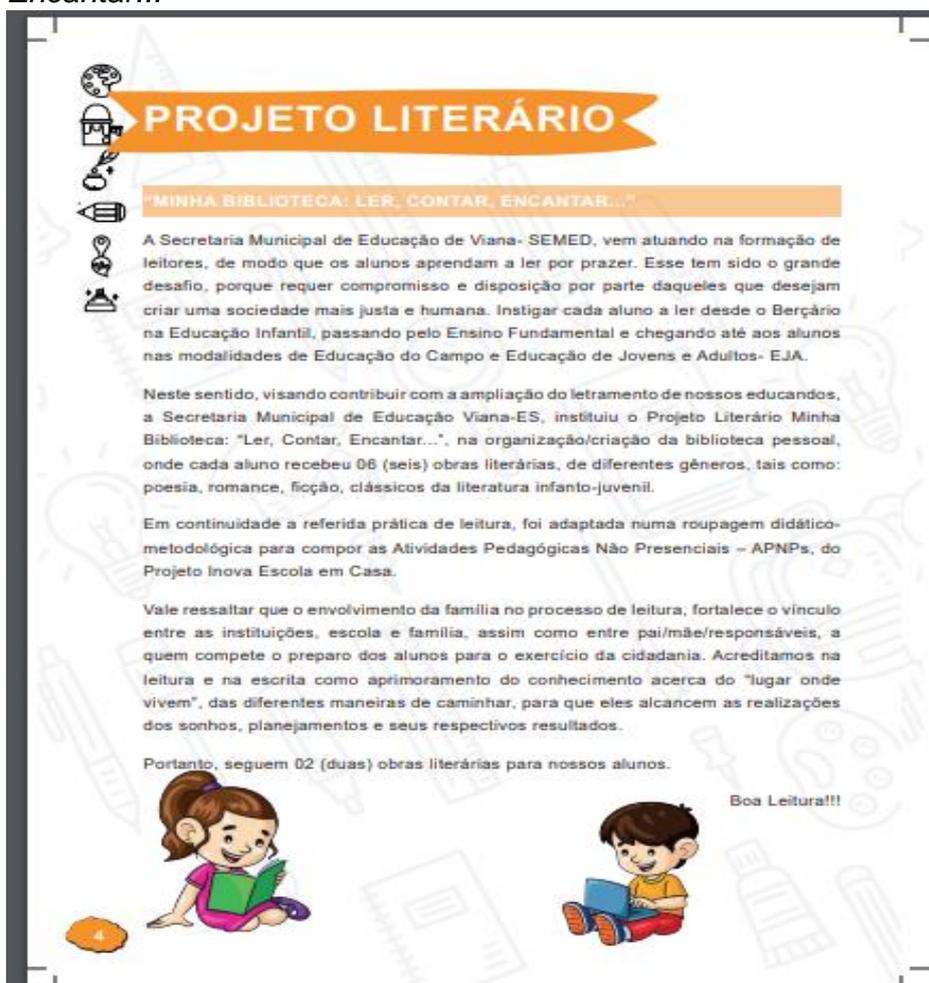


Fonte: Captura de tela feita pela autora (2021).

Dessa forma, o projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* também teve que ser adaptado a essa nova realidade. A Secretaria de Educação procurou fazer um levantamento do estoque de livros de 2019 com as escolas e também em seu almoxarifado. Depois disso, realinhou o planejamento das obras por série/idade e fez a distribuição delas nas escolas paralelamente com a entrega das coletâneas.

¹² As coletâneas de atividades estão disponíveis no site: <<http://educacao.viana.es.gov.br>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Figura 3 – Coletânea de atividades sobre o Projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...*



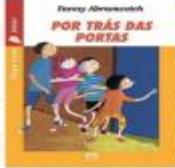
Fonte: Captura de tela feita pela autora (2021).

É importante salientar que as coletâneas e os livros começaram a ser entregues em julho de 2020. Ao longo do ano letivo, foram disponibilizadas 4 coletâneas e, em média, 4 obras, uma vez que variava a quantidade de títulos disponíveis adequados a cada série/idade.

Além disso, para cada obra lida, o(a) aluno(a) deveria preencher uma ficha de leitura que foi produzida pelos(as) técnico(as) da secretaria e, no término da obra, a atividade deveria ser devolvida para escola para as devidas correções dos(as) professores(as).

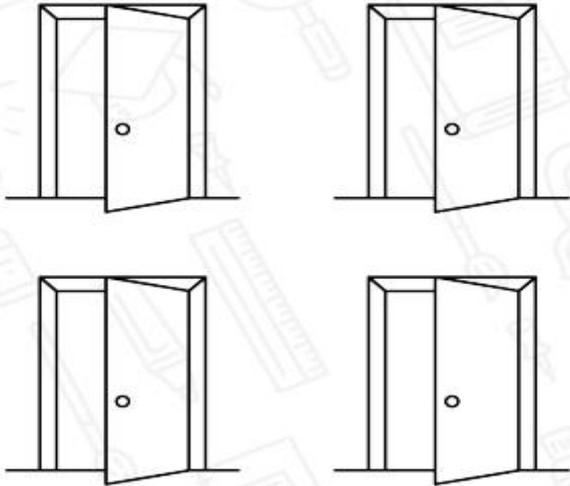
Figura 4 – Atividade sobre o livro “Por trás da porta”, de Fanny Abramovic

Livro: Por Trás da Porta
Autora: Fanny Abramovic



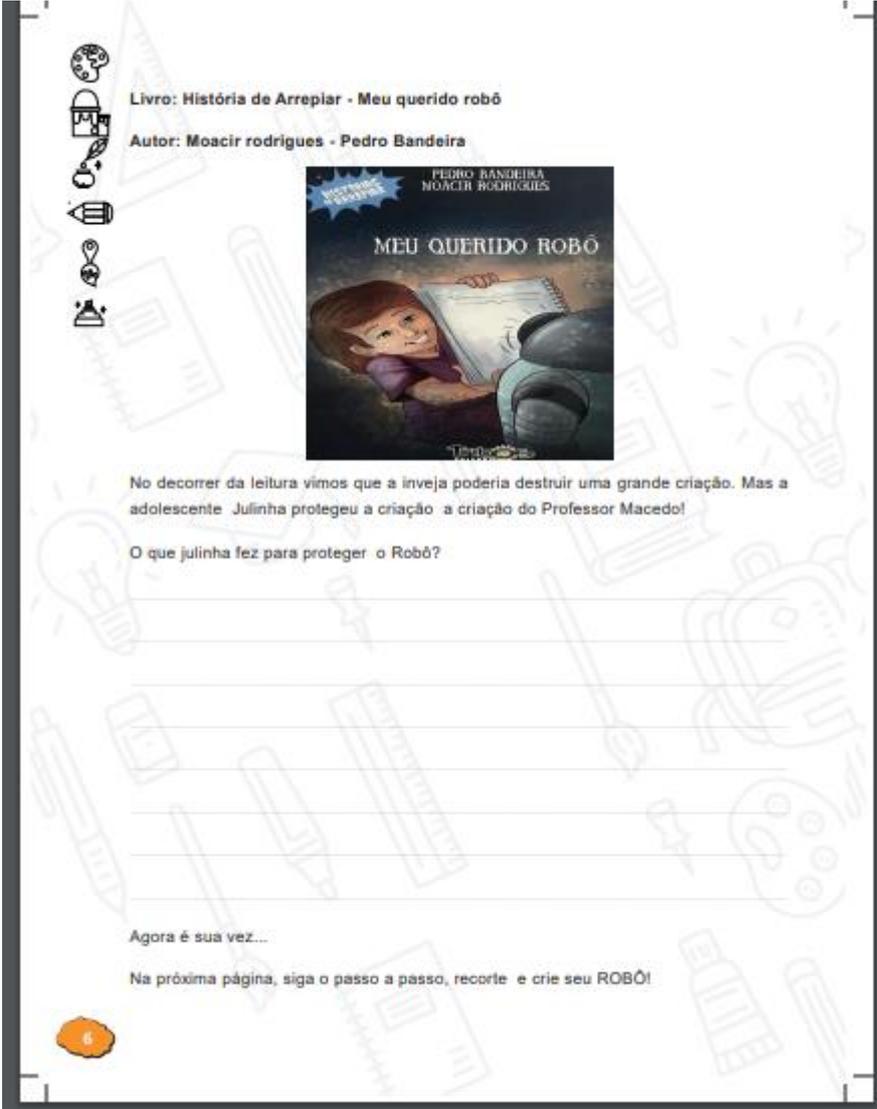
Os irmãos Renata e Alê e seus amigos Duda e Lea protagonizam uma aventura num misterioso casarão abandonado. Pouco a pouco, eles vão descobrindo que, por trás das portas de cada uma das salas do lugar, existem passagens e ambientes que instigam a fantasia...

O que você colocaria atrás da porta? Use a imaginação e faça um desenho bem bonito em cada porta!!



Fonte: Captura de tela feita pela autora (2021).

Figura 5 – Atividade sobre o livro “Meu querido robô”, de Pedro Bandeira



Livro: História de Arrepiar - Meu querido robô
Autor: Moacir rodrigues - Pedro Bandeira



MEU QUERIDO ROBÔ

No decorrer da leitura vimos que a inveja poderia destruir uma grande criação. Mas a adolescente Julinha protegeu a criação - a criação do Professor Macedo!

O que julinha fez para proteger o Robô?

Agora é sua vez...

Na próxima página, siga o passo a passo, recorte e crie seu ROBÔ!

6

Fonte: Captura de tela feita pela autora (2021).

Sabemos de todas as dificuldades e das tentativas das novas formas de promover a educação, como também as aprendizagens, no contexto atual. Contudo, neste ponto do projeto, temos mais uma crítica a ser tecida: a construção das atividades não promove uma reflexão a respeito da narrativa nem usa todo o potencial que a obra tem. Além disso, não se percebe a amplitude do diálogo que pode ser proposto, o diálogo e o encontro entre as diversas vozes que se encontram no texto e na leitura do livro, nem a formação desse leitor.

Devemos lembrar que a nossa proposta com essa pesquisa é propor, justamente, experiências com as obras literárias em que todas as vozes que estão se relacionando sejam ouvidas de forma equivalente.

Acreditamos que, por meio desse jogo de diálogo, sendo ele de vozes ditas e reditas, possamos colaborar para a construção de sujeitos que conseguirão atribuir potência em seus discursos e em suas práticas cidadãs.

Por fim, para o melhor entendimento do que é o projeto literário *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar*, afirmamos que é uma política pública que o município de Viana, com recursos financeiros próprios, implementou em 2019, como uma ação do governo municipal já citado – Inova Escola – em que foram apontadas pela Secretaria Municipal de Educação estratégias de trabalho de leitura dos(as) docentes, dos(as) pedagogos(as) e das famílias, com seis obras literárias que foram doadas para os/as discentes, com o objetivo de ampliar a competência leitora e colaborar na formação de leitores dos/das alunos (as) matriculados (as) na rede de ensino.

Continuaremos no próximo capítulo a escrever a respeito da leitura de literatura, entretanto, nele buscaremos estabelecer o que é a polifonia e de que forma ela pode ser entendida como um caminho para formar o leitor por meio do projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...*

4 O AUTOR E A CONSCIÊNCIA DAS CONSCIÊNCIAS: ENTENDENDO A POLIFONIA

Para entendermos a polifonia é importante contextualizar o cenário e o tempo em que viveu o estudioso russo que embasará nosso diálogo teórico, afinal, seus referenciais de vida estão intrinsecamente ligados aos seus estudos.

De acordo com Leite (2011), Mikhail Mikhailovich Bakhtin nasceu em 1895 em uma família de elite que valorizava a educação. Quando jovem, matriculou-se no curso de estudos clássicos da Faculdade Filológico-Histórica e, a partir de então, começou a fazer parte de círculos de discussões intelectuais em que já se usava o conceito de linguagem plural, a produção de enunciados em resposta ao outro. Além disso, vale ressaltar a influência do professor universitário, Fadei F. Zielinski, que trazia com ele o retorno radical aos estudos helenísticos.

Contudo, Leite (2011) considera que o Círculo Nevel, do qual se tem relatos, destaca-se pela importância particular na vida de Bakhtin, uma vez que o objetivo do grupo era dialogar entre as diferentes disciplinas para um intercâmbio cultural. Mais tarde, poderá se observar que o dialogismo tem muito a ver com a prática dos círculos dos quais o pensador participava.

Logo, o que vemos até aqui é um homem com uma formação voltada, principalmente, para os aspectos social, filosófico e humanístico de uma época. Entretanto, sabe-se que ele, apesar de todas as influências que lhe formavam e dos conflitos históricos que vivenciou, como a Revolução Russa, demonstrava-se um sujeito não muito engajado, nem prático, com ênfase na interioridade e sem galanteios para o marxismo pós Revolução Russa, o que não impediu que Bakhtin fosse condenado ao exílio sob a acusação de corromper os jovens, uma vez que a questão religiosa era debatida por ele. É importante lembrar que tal temática é de alta importância na teoria bakhtiniana.

Leite (2011) afirma que Bakhtin, depois de 15 anos no exílio, exerceu a função de professor a chefe de departamento de Literatura Geral, aposentou-se e escreveu o

livro *Problemas da poética de Dostoievski* (2011) que será o pilar desta pesquisa, pois é a partir dele que entenderemos a polifonia.

Bakhtin desenvolveu o conceito de polifonia após ter contato e analisar o romance escrito pelo autor russo Fíodor Dostoiévski, embora, antes disso, tenha se apropriado de um termo musical

[...] que representa duas linhas melódicas distintas, mas simultâneas, em uma mesma composição, como uma metáfora para expressar a presença de múltiplas vozes distintas e equipolentes em uma mesma obra de modo que estejam niveladas à voz do autor [...] (CARVALHO; PITTA, 2019, p. 67)

Carlos Ceia, em *E-dicionários de termos literários* (2019)¹³, define polifonia como sendo

[...] todo o enunciado de certa personagem que nos surja revestido de uma certa autoridade (seja sob a forma de autoritarismo, de tradicionalismo, ou de oficialismo) é passível de ser não só contestado, como ainda “travestido” e “parodiado” (o próprio Bakhtin reconhece na paródia grega as raízes do romance (1988)). É no seio dessa contestação que a voz da consciência interior do indivíduo pugna por se impor. Como afirmará relativamente ao autor de Crime e Castigo e de Os Irmãos Karamazov, “les énoncés des personnages de Dostoïevski sont l’arène d’une lutte désespérée avec la parole d’autrui, dans toutes les sphères de la vie e de l’œuvre idéologique” (1972: 167). Um pensar a literatura que custaria ao crítico a perseguição política num país amordaçado pela repressão estalinista e pela monodia do partido.

Por meio da obra romanesca dostoiévskiana, Bakhtin (2011) nos permite conceber a polifonia como uma organização discursiva em que o universo está aberto e em construção, logo, teremos o autor do romance em uma relação dialógica com as personagens. Haverá a relação eu-outro como um fenômeno social, terá o inacabamento das personagens, a inconclusão, pois a visão do mundo e do homem é que ambos estão em formação – daí a ideia de inacabados. Além disso, percebemos o ativismo quando o autor se distancia dos universos mostrados e concede enorme independência as personagens.

Brait (2018) reforça, em suas análises sobre o romance polifônico, a tese que Bakhtin defenderá em toda a obra *Problemas da poética de Dostoievski* (2011), considerando as múltiplas vozes com consciências autônomas e que não se misturam juntamente

¹³ Disponível em: <dtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/polifonia/>. Acesso em: 22 set. 2019.

com a verdadeira polifonia de vozes plenivalentes são o que, realmente, mostram a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski.

Ainda Brait (2018) reforça que, nos estudos de Bakhtin sobre as personagens de Dostoiévski, no romance polifônico, elas são os sujeitos independentes do discurso, diretamente significante de uma realidade, e não mais objetos do discurso de um autor monológico que não rompe com os modelos. Há, nos romances polifônicos, por meio das personagens, a multiplicidade de consciências equipolentes e de seus mundos distintos que se combinam e dialogam entre si.

É importante também considerar algo que Brait (2018) menciona em seus estudos sobre o romance polifônico e a polifonia. A autora orienta que é necessário para entender Bakhtin (2011), em *Problemas da Poética em Dostoiévski*, a leitura dos textos que Dostoiévski escreveu, porque se não houver uma compreensão deles tudo soará estranho e parecerá sem nexos algum, mesmo quando Bakhtin reunir todas as informações para relacionar a vida e a linguagem.

A polifonia, então, estará presente em uma obra quando o romancista tiver a capacidade de traduzir a multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica. Afinal, Bakhtin (2011) não desconsidera esses aspectos em seus estudos e ainda reforçará que tais textos só poderiam se realizar no capitalismo e na Rússia porque esse modelo econômico estratifica a sociedade e torna os indivíduos objetos, apesar de existirem vozes e consciências que resistam a essa coisificação.

Por isso, é necessário compreender o autor presente na polifonia, bem como as personagens que permeiam o texto. O primeiro renuncia o homem como objeto, não define as personagens e suas consciências, deixa que essas vozes se definam, não se coloca como dono da palavra, mas organizador delas que não são apenas suas, mas também das outras vozes que constituem o todo.

Segundo Bakhtin (2011), Dostoiévski não cria escravos mudos, o discurso da personagem e sobre a personagem constituem-se pelo diálogo. Inclusive, o dialogismo é um dos fundamentos mais importantes para que a polifonia aconteça. Bezerra (2018) caracteriza a polifonia em relação à posição do autor no texto.

O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo social, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro "eu para si" infinito e inacabável[...] (BEZERRA, apud BRAIT, 2018, p.194).

Já em relação aos personagens que constituem a polifonia, veremos um movimento em que haverá um novo enfoque do homem que será também a personagem, esse estará vinculado à história social e cultural da sua época e nela ficará enraizado, porém não acabado ou finalizado. Sendo assim, as personagens, que também são indivíduos, são inconclusas, inacabadas, pois a origem destas está em uma realidade viva e em evolução.

Para Bakhtin (2011), Dostoiévski construiu textos em que as personagens rompiam os padrões e um autor que representava, entre outras características, uma natureza filosófica, e é a partir desses conjuntos de traços que reforçamos o conceito de polifonia.

Exemplificando melhor as análises realizadas por Bakhtin (2011), vemos como ele descreve os romances de Dostoiévski e a originalidade desse autor, ao destacar a respeito da cosmovisão do romancista que fazia das personagens sujeitos individuais que as permitia dialogar com o narrador, contudo, não reduzindo isso a uma realidade psíquica objetificada.

Outro ponto de destaque para a compreensão da polifonia nos escritos de Dostoiévski, segundo Bakhtin (2011), ainda está na personagem sendo a representação do homem interior, focado em seus sentimentos e razões, não apenas a maneira monológica e superficial de padrões conservadores impostos. A partir dessa nossa visão, é possível observar em *Memórias de Subsolo* (1864), texto dostoiévskiano, que ressoa a voz do "homem do subsolo". Nesta obra, o personagem-narrador que, à força de paradoxos, ataca de forma agressiva contra tudo e contra todos - contra a ciência e contra a superstição, contra o progresso e contra o atraso, contra a razão e a não - razão, contudo, lança-se , especialmente, contra o solo da própria consciência, originando ,

desta forma , uma história única, de altíssima tensão poética, que se afirma e se nega a si mesma continuamente.

Bakhtin (2011) avalia o romance de Dostoiévski como poliestilístico, polienfático e contraditório, uma vez que em suas histórias são observadas várias consciências plenivalentes, são mundos diferentes de consciências que dialogam entre si e consigo mesmas. Por isso, acabam ultrapassando o limite da matéria objetiva e passam a multiplicidade de consciências, de vozes, de vidas que reafirmam, então, que na polifonia ocorre a combinação de várias vontades individuais.

Ainda, Bakhtin (2011) afirma que “[...] a essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia [...]” (BEZERRA apud BRAIT, 2018, p.35).

Desta forma, a polifonia é um conceito que abrange o diálogo sem fim, no qual vozes do passado se cruzam com o presente e fazem a propagação delas para o futuro em consonância ao inacabamento das personagens, porque seus discursos estarão sempre abertos e dialogando com muitas questões não resolvidas. Afinal, o universo é plural e formado por seres plurais.

No subcapítulo a seguir, apresentaremos de que forma a polifonia pode ser um caminho no projeto *Minha Biblioteca: Ler, Cantar, Encantar...* para formação de um leitor no ensino fundamental. Mostraremos como o diálogo com o outro, o emergir de diversas vozes, pode potencializar um projeto de leitura, não com o objetivo de descobrirmos a resposta para tudo, contudo, com a intenção de propormos algo que rompa com o que já usamos e não tem demonstrado resultados em relação à leitura.

4.1 AS CONSCIÊNCIAS DO PROJETO MINHA BIBLIOTECA: LER, CONTAR, ENCANTAR

Os projetos de leitura ganharam força nas últimas décadas com algumas políticas públicas, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola, as novas orientações metodológicas, a Base Nacional Comum Curricular e os Parâmetros Curriculares Nacionais, que tratam o texto como agente norteador de todo o trabalho de ensino da língua materna. Além disso, não podemos esquecer que o advento das tecnologias também trouxe um maior acesso ao livro, principalmente para as classes menos favorecidas, embora ainda haja indivíduos que não possuem nenhum contato com obra a literária.

Em outra instância, também devemos analisar que, na maioria das vezes, a leitura de textos literários ou até mesmo projetos de leitura que são propostos nas escolas possuem um caráter verticalizado e monológico, pois se esquecem de levar em consideração alguns conceitos trazidos nos estudos de Bakhtin como o dialogismo, a alteridade, a exotopia, a polifonia entre outros. Não rompendo, desse modo, a sala de aula conservadora e mera reprodutora de informações que hoje são dispostas em milhares canais de informação.

Bakhtin não foi um teórico da Educação, entretanto, ele trouxe em seus escritos conceitos e análises que podem ser apropriados pelos professores, alunos e equipes técnicas-pedagógicas, uma vez que suscita questões relacionadas ao ensino contrário à leitura decodificadora e ao universo plural marcante da vida escolar. Pensando nisso, procuramos estabelecer uma relação, aliás, compreender a polifonia como um caminho que dialogasse com o projeto de leitura ofertado pela Prefeitura Municipal de Viana a sua comunidade educativa, que se iniciou em 2019.

Se a polifonia é o encontro de diversas vozes que se constitui num rompimento com os discursos e práticas monológicas, nada melhor do que trazê-lo para *Minha Biblioteca: Ler , Contar , Encantar...*, porque os estudantes estarão em contato com obras literárias que podem ou não conversar com a realidade do leitor, representar ou não a comunidade em que a escola estará inserida, provocar ou não uma mudança de pensamento e, ao mesmo tempo, estarão dialogando com a leitura de um grupo

de colegas , de um professor e de possíveis outros textos que farão parte disso e dialogarão com os trazidos pelo projeto ou até mesmo representar, ou não, a diversidade de caracteres dos seres humanos que constituem um vasto universo social em formação, na qual surgem as múltiplas vozes que o representam.

Contudo, também se faz necessário avaliar este projeto que pretende ao longo de um ano letivo trabalhar com seis obras literárias e, no final dele, doá-las para esses estudantes. É necessário pensar nas escolhas dos livros e nas práticas de leitura que foram levadas para sala de aula, no relacionamento construído entre professor (a), aluno(a), livro e suas relações com o mundo . Isso sempre levando em consideração a isonomia de todas as vozes ecoadas ao longo desse grande encontro de vozes, para que, assim, possam ser criadas possibilidades/caminhos para experiências polifônicas com o texto.

É por meio do texto, da escolha da obra, da proposição da leitura, da forma que o docente conduzirá seu trabalho que se utilizará o conceito polifônico, porque ele permite o diálogo entre perguntas e respostas, a perplexidade diante dos atos e discursos alheios, assim como o ponto de vista e de valores em jogo, tornando assim diferentes formas de perceber e significar os acontecimentos na vida.

O que pode ser mais polifônica do que uma sala de aula com um projeto de leitura? Nesse contexto, temos uma diversidade de personalidades, seja pelos estudantes envolvidos na ação, seja pelos docentes que o compunham, formamos, portanto, múltiplos pontos de vista, posições ideológicas, religiosas, pobreza, riqueza, gostos, manias, marcas de violência, fraquezas, timidez, esperança pelo novo, ou seja, as mais variadas faces do ser humano que é inconcluso e está no processo de evolução.

Propomos um diálogo entre o projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* e a polifonia para que juntos possam apontar caminhos para formação do leitor. Isso se dará por meio da intervenção que pode ser feita a partir da escolha dos livros que serão lidos, dos outros textos que farão diálogo com esses, da forma da leitura dessas obras dentro de um contexto socioeconômico e histórico, a fim de revelar algo que os envolvidos não enxergam no encontro de múltiplas vozes que sempre respeitarão as

divergências, os pontos de vista contraditórios, fazendo prevalecer o diálogo no convívio com as diferenças e contradições entre opiniões e mundo tão distintos.

Acreditamos que a polifonia potencializará os saberes que se encontram nesse espaço de aprendizagem podendo organizar as práticas para que esses estudantes possam se apropriar socialmente de um conhecimento que colaborará para formação do leitor que tanto almejamos formar.

Dialogando com a polifonia e com o que traçamos como objetivos para o caminho de formação para o leitor por meio do projeto *Minha Biblioteca: Ler, Cantar, Encantar...*, também destacaremos, na próxima seção, a importância de entender a Literatura como um direito inalienável e, por isso, ela deve também ser vista como um ato de resistência, principalmente diante do contexto de crise advindas da pandemia e das desigualdades sociais afloradas por questões políticas e sanitárias em que vivemos.

5 LITERATURA, ESCOLA E SOCIEDADE

Na maioria das cidades brasileiras temos um cenário de grande abismo social, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), ao nos mostrar que, em 2018, a renda média de 1% dos mais ricos subiu de R\$ 25.593 para R\$ 27.744, alta de 8,4%. Já entre os 5% mais pobres, o rendimento caiu 3,2%. Logo, é possível afirmarmos que muitos cidadãos não têm acesso àquilo que lhes é direito. Embora sejamos todos pagadores de impostos, não gozamos de nossos plenos poderes como educação, saúde, segurança e também da Literatura, dentre outros.

A Literatura é um direito? Sim. Embora não seja reconhecido por uma boa parcela de cidadãos. O reconhecimento desse componente cultural faz parte de uma educação como processo de libertação e compreensão do sujeito, mas também das relações sociais que os permeiam. No entanto, tal direito só será garantido, quando houver vontade política em diálogo com muitos agentes que formam a sociedade que congreguem para uma luta mais igual em relação a essa e outras questões.

Castrillón (2012), em seu artigo “O direito de ler e escrever”, ratifica que a leitura e a escrita devem ser um projeto político. Isso faz com que a responsabilidade caia sobre muitos atores que constroem o coletivo.

[...] ela é um direito histórico e cultural e, portanto, político, que deve situar-se no contexto em que ocorre. Historicamente a leitura tem sido um instrumento de poder e de exclusão social: primeiro nas mãos da igreja, que garantia para si, por meio do controle dos textos sagrados, o controle da palavra divina; em seguida, pelos governos aristocráticos e pelos poderes políticos e, atualmente, por interesses econômicos que dela tentam se beneficiar (CASTRILLÓN, 2012, p.15)

O índice de desenvolvimento humano pode dar-se por vários aspectos, entre eles a diminuição da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida, que só melhorarão com políticas públicas que viabilizem um melhor programa de saúde, como a ampla cobertura de campanhas de vacinação, consultas médicas entre outros, segundo estudos de especialistas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017). Contudo, percebemos que em países pouco desenvolvidos essas ações não

acontecem como deveriam e os índices são abafados cada vez mais pela desigualdade social que rege nosso modelo econômico.

Nesse sentido, Castrillón (2012) tem a convicção de que a Literatura só será vista como uma necessidade se ela for também um instrumento que pode colaborar para melhoria da condição de vida. Dessa maneira, os setores da população a entenderão como inevitável para se chegar a um maior equilíbrio social. Afinal, apenas aumentar a compra de livros e não democratizar a leitura não mudará em nada a realidade na qual estamos inseridos em relação à leitura de literatura, principalmente.

Consoante a esse pensamento, lemos em Candido (1989), em “O Direito à Literatura”, reflexões sobre os direitos humanos e o destaque da Literatura como um direito, fazendo um contraponto sobre o que consideramos indispensável, dispensável e para quem o texto está disponível ou serve. Quais indivíduos têm direito à literatura e a qual? Afinal, parte-se do princípio segundo o qual casa, comida, educação, mesmo sendo privilégios para uma minoria, são fundamentais para todos, contudo, o pensamento não é o mesmo, quando tratamos do acesso à cultura, do direito a ler Machado de Assis ou de frequentar um teatro, um museu.

Isso nos faz lembrar que a leitura é difícil, logo, em um país que dá poucas oportunidades de educação e não a vê como um processo político, a literatura tende cada vez mais a não ser um direito, pois o que encontramos é uma sociedade composta, em sua maioria, por uma mão de obra braçal, pouco escolarizada, que não vê na leitura um momento de lazer e descanso, já que ela demandará dele uma energia a mais. Dessa forma, esse mesmo indivíduo vai sendo educado pelos meios de comunicação de massa que, em sua maioria, são superficiais e alienantes.

Aliados a esse pensamento, os documentos oficiais da educação, por exemplo, a BNCC, que deveriam tratar a literatura com um grau maior de importância, promove políticas contrárias, como analisa Perrone-Moisés (2009) em seu artigo “Literatura para todos”. É visto, hoje, que a Literatura como disciplina está sendo abafada por uma área que se intitulou como “Linguagens, códigos e suas tecnologias”. O que se percebe a partir daí é que a Literatura tem seu papel cada vez mais secundário na sala de aula, sendo até mesmo banalizada em troca da ênfase que se dá a tecnologia.

Por isso, a importância de, cada vez mais, potencializarmos os projetos de leitura, principalmente, de textos literários. Contudo, diante de todo cenário que temos até aqui, precisamos propor novas formas de aulas de leitura e do trabalho com o texto.

Afinal, a BNCC está focada em um ensino da língua que seja voltado para o texto. Entretanto, em nenhum momento do documento trata-se a Literatura como um componente curricular ou se dá status a ela. O que se percebe é que o ensino do texto literário está representado em um campo de atuação e nada mais. E não vemos a sociedade se movimentando em relação a esse empobrecimento do ensino da língua portuguesa.

Ainda é possível mencionar a proposta distorcida da teoria bakhtiniana usada nesses documentos, que foi reduzida como apenas diálogo com diferentes usuários e linguagens, sem mencionar que o conceito de dialogismo, uma característica essencial da polifonia, só surgiu a partir da leitura de romances, de literatura de “peso” da obra de Dostoiévski.

Posto isso, cabe aqui um diálogo com nossa pesquisa, que foi estabelecer uma interlocução com o projeto de leitura *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar*, pois há nele há uma intenção em promover a literatura e a formação do leitor. Além disso, por meio de um e-book, elaboramos atividades de experiências polifônicas de leitura com as obras literárias usadas no projeto para apontarmos caminhos para construção de um sujeito leitor que está em constante formação.

Queremos mostrar que a polifonia, conceito da arquitetura bakhtiniana, dar-se-á de uma forma muito mais abrangente e séria nos espaços de aprendizagem do que os propostos pelos documentos oficiais. E que eles são instrumentos que perpassam pela formação do indivíduo autônomo, crítico e protagonista que tanto se quer formar nas escolas ao final da educação básica.

Vale ressaltar que nosso entendimento de leitor é consoante ao que Britto (2015) descreve em seus estudos. Esse é aquele participante da produção de sentido do texto, ou seja, ele se reconhece como parte do texto, propõe a contrapalavra

conscientemente a partir do discurso do autor, porque também é um criador de significados diante de uma leitura responsiva.

Além disso, para a formação desse leitor acreditamos que essa atitude é uma ação que pode ser uma grande contribuição para que o direito, no mínimo, ao acesso à literatura realmente aconteça, principalmente, para uma parcela da sociedade à qual isso é negado. Na maioria das vezes, encontram-se apenas na escola políticas de inserção à cidadania, ao levar a esse estudante a literatura que não seja apenas acessível e a que lhe agrada, mas também aquela que apresenta uma qualidade de texto a qual ele ainda não foi apresentado, de modo a oportunizar práticas de leitura sob uma ótica mais ampla.

Sendo assim, não avaliamos esse projeto de leitura a partir do caráter assistencialista, nem um processo de caridade, tampouco de filantropia, porém como um caminho para a democratização da leitura nesse determinado espaço, como todos deveriam ser, em que se poderá dispor da participação de vários agentes da sociedade civil para que ocorra de fato uma mudança no cenário que temos. Ele acaba sendo uma campanha social pela leitura como um direito.

Por meio dele, e de outras práticas educativas, ainda prevemos uma escola dialógica que permita que o estudante leia o texto de maneira mais aberta em que o professor aceite a crítica, busque juntamente com o educando compreender a polifonia presente na sala de aula, posturas que poderão tornar o ambiente escolar um pouco menos preconceituoso.

Britto (2015), em “As razões do direito à Literatura”, nota que a literatura não serve para nada e também para tudo. Dentro dessa perspectiva, trabalharemos a partir de que

A literatura presta para tudo. O texto literário é um convite a uma ação desinteressada, gratuita, uma ação que não espera que dela resulte lucro ou benefício. É o simples pôr-se em movimento, para sentir-se e existir num tempo suspenso na história, um tempo em que a pessoa se faz somente para si, para ser, um tempo de indignação e contemplação, de êxtase e sofrimento, de amor e angústia, de alívio e esperança, disso tudo de uma só vez para sempre. Nela a gente se forma e se conforma, perde-se e salva-se, se consola e se estimula, aprende e ensina viver em realidades incomensuráveis, ainda que realmente intangíveis (BRITTO, 2015, p.53-54).

Desse modo, não coadunamos com a visão salvacionista da leitura, nem com a visão pessimista que permeia o discurso pedagógico, por compreendermos que a leitura descolada de ações e projetos mais amplos que incluem direitos, acesso aos livros e uma formação contínua dos mediadores dessas práticas, poderá se constituir uma prática polarizada no processo educativo, empobrecendo, pois, o aspecto plural e polissêmico presente nas construções literárias.

Todorov (1939) também nos inquieta quando mostra o que a Literatura em si pode fazer. É por meio dela que nós, habitantes racionais do mundo, começamos a nos enxergar, compreender como vivemos, incomodar-nos, questionar o nosso modo de nos relacionar e, ao mesmo tempo, nos ajudar a viver. Porque ela é o mundo psíquico e social representado por palavras bem colocadas. Tem o poder de nos fazer viver experiências singulares, preserva memórias e não estratifica as classes.

Vale destacar que assim como Castrillón (2012) não acreditamos que a Literatura sozinha tenha o poder de resolver os problemas sociais do mundo ou consiga desenvolver a economia de uma nação, embora saibamos que os países mais desenvolvidos são aqueles em que os índices de leitura são altos entre sua população, enquanto que os desenvolvidos mostram menor número de leitores. Segundo a Câmara Brasileira do Livro (CBL), o brasileiro lê pouco mais de dois livros por ano. Na Inglaterra, estima-se que a média seja de 4,9; nos Estados Unidos, é de 5,1.

Dialogando mais uma vez com a proposta da nossa pesquisa, pretendemos levar para nossos alunos não apenas os livros do projeto, que já são algo novo para a realidade deles. Almejamos enriquecê-los com mais textos, mais encontros com gêneros discursivos que não são contemplados em *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* para que de fato a leitura seja dialógica, polifônica e rompa com os moldes engessados, por exemplo, as fichas de leitura, as provas objetivas e as práticas de leitura decodificadoras, que conhecemos como cenário das salas de aula brasileiras.

É notório ainda destacar que Candido (1989) menciona que a educação pode ser uma forma de fazer com que diferentes camadas sociais compreendam o que se torna dispensável e indispensável, o que é necessário ou não para cada realidade vivida.

Candido (1989) mostra que, para a sociedade, a literatura funciona como um meio poderoso de instrução e de educação sobre a seguinte premissa:

[...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (CANDIDO, 1989, p. 177-178).

Dialogando mais uma vez com a nossa pesquisa, percebemos alguns objetivos traçados para o nosso projeto nos escritos de Candido (1989), como por meio da leitura dos livros, formar leitores que tenham o entendimento de um exercício pleno de democracia, capaz de humanizá-los a partir do encontro de histórias que os representem e aquelas que se distanciem da realidade vivida por eles. Desta forma, entendemos que poderemos levar para sala de aula, biblioteca ou nos espaços de leitura obras que variam da sabedoria espontânea às mais eruditas que dialoguem entre si e com o mundo.

É importante ressaltar que uma classe social menos favorecida terá acesso a uma literatura mais rebuscada se houver uma melhor distribuição de renda. Afinal, quanto mais igualitária for a sociedade maior será seu acesso à leitura e formará mais leitores críticos para uma sociedade letrada. Logo, o nosso corpus de pesquisa poderá nos levar a um caminho que pode ser uma possibilidade para outros professores, outras comunidades e também para outros possíveis leitores dessa escola, inclusive, entender a Literatura como um direito inalienável a partir da perspectiva polifônica construída por Bakhtin (2011).

Partindo dessa reflexão, a Literatura, então, tem o caráter de resistência, porque ler em um país de mais de um milhão de analfabetos é resistir. Ler na escola pública em que, por inúmeros problemas, é dificultada a aprendizagem é resistir. Ler diante da fome que se passa dia após dia é resistir. Ler enquanto se procura um emprego há nove meses ou mais é resistir.

A literatura ecoa vozes que jamais seriam ouvidas pela história, como foram abafadas as de Luiz Gama, por representar um poeta negro, ou Marina Firmina Reis, mulher que sabia ler o mundo, o discurso das minorias que são anulados, como as do avô da

menina Ágatha que chorou a morte da neta de 8 anos pela política de segurança do estado que deveria protegê-la¹⁴. Desse modo, por dar vozes àqueles que não têm, a literatura transformou-se em um espaço de resistência. Ela representa, empodera e nos faz entender que há nela um poder desbravador.

Não podemos esquecer que os desprezados pela leitura não são os sujeitos que sabem ler e não gostam de Machado, Dostoiévski, Clarice Lispector, Mia Couto, Waldo Motta entre outros, porém são aqueles que, no nosso país de hoje, não têm terra, são desempregados, pagam aluguel, passam fome, sofrem porque a pele possui mais melanina, são desrespeitados, julgados por possuir crenças religiosas diferentes.

A literatura é vista, então, mais do que puro entretenimento ou passatempo. Deve-se pensar que o texto nos ajuda a “[...] pensar para ser, ler para ser, inventar para viver, ler para inventar, inventar para viver, ler para inventar, num movimento contínuo, sempre a estimular e a incomodar” (BRITTO, 2015, p. 57).

Por isso, vemos nossa pesquisa como também um ato de resistência, porque ela permite não só investigar um projeto de leitura que objetiva doar livros, mas esperamos por meio dela apontar caminhos que colaborem na formação de um leitor que seja crítico em relação a sua realidade, e a todos os atores que estão envolvidos no processo de educação, e citamos aqui o professor, o porteiro, a diretora e tantos outros cujo acesso a diversas vozes que resistam a um discurso hegemônico ou até mesmo restrito, muitas vezes, encontram apenas no texto literário do livro didático, ou no universo midiático. Queremos, então, que esses leitores em formação criem, pensem em tudo e em nada, inventem, incomodem-se para poder continuar vivendo, contudo, de maneira diferente.

A pesquisa permitiu que os envolvidos vissem a educação por meio de uma visão abertamente politizada. Considerando aqui os postulados de Freire (1989 p.37) “[...]”

¹⁴ Agahta Vitoria Sales Félix, de 8 anos, foi morta, em 20 de setembro de 2019, quando voltava para casa com a mãe, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. A criança estava dentro de uma Kombi, por volta das 21h 30 min, quando foi baleada nas costas na comunidade da Fazendinha por policias que atiravam em uma moto suspeita e o tiro atingiu a criança. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml>. Acesso em 29/09/2019.

nenhum de nós está só no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros”. Além disso, haverá uma proposta de reflexão crítica sobre nosso momento presente, um diálogo a respeito dos nossos desafios e das dificuldades que devemos superar.

Pensando em ler como direito e como um ato de resistência é necessário também pensar como será ou como está sendo a formação do leitor, principalmente, nas escolas públicas brasileiras. Para que a literatura está servindo? Que leitores estão sendo formados?

Britto (2015) reflete sobre essas questões em “Leitores de quê? Leitores para quê?”, afirmando que o Brasil é um país em que não se lê. Mesmo que na década de 90 tivesse alcançado a universalização do ensino fundamental e tenha aumentado os números de alunos na educação superior, o que se vê é uma nação formada ainda por analfabetos, principalmente, entre os jovens e adolescentes. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018), o Brasil ainda tem 11,3 milhões de analfabetos entre a população de 15 anos ou mais – o número corresponde a 6,8% dessa população.

Ainda, Britto (2015) sugere que o hábito da leitura por si só depende não apenas do mero exercício de ler. A leitura por ela mesma não salvará ninguém, porque há o ônus sobre de que forma ela se realiza, quais diálogos estabelece, a compreensão de mundo que se tem e, muitas vezes, as pessoas não deixam ou não gostam de ler por gostar, porém, por condição. Uma vez que a leitura implica estudar, é um exercício mental que muitas vezes é trabalhoso e precisa de mediação.

Zilberman (2008) discute a formação do leitor e a leitura de literatura na escola em seus estudos, trazendo à tona o papel que a educação vem desempenhando há anos no processo de formação do leitor. Afirma que estamos em crise, os espaços escolares estão cada vez mais imersos em problemas de ordem variada e isso repercute na crise que a leitura também passa em nosso país.

Embora exista hoje essa realidade a ser enfrentada, Zilberman (2008) também considera que a literatura possa ser um caminho para que a escola e a leitura retomem

seu papel na sociedade de maneira a amenizar ou até mesmo acabar com os problemas que vivemos hoje em relação ao analfabetismo, às desigualdades sociais, entre outros problemas.

Contudo, quando se pensa em literatura e escola, o cenário que nos é apresentado pedagogicamente são aulas de leitura de forma mecânica, em que o professor, condutor e participante do processo de formar leitores, usa fichas tradicionais, questionários com respostas fechadas, avaliações sem nenhum comprometimento com a reflexão do texto e tantas outras formas de se avaliar e medir o que foi decifrado, entretanto, não entendido, saboreado. Tais ações corroboram tudo que não segue o caminho da transformação do aluno em um leitor, pelo contrário, fazem com que ele ignore e até mesmo crie aversão à leitura e à literatura.

Zilberman (2008) alerta o que devemos evitar nas aulas de leitura com nossos alunos que estão em formação enquanto leitores:

[...] o autoritarismo se apresenta de modo mais cabal, quando o livro didático se faz portador de normas linguísticas e do cânone literário. Ou quando a interpretação se imobiliza em respostas fechadas, de escolha simples, promovidas por fichas de leitura, sendo o resultado destas a anulação da experiência pessoal e igualitária com o texto (ZILBERMAN, 2008, p.35).

Partindo dessas orientações, pensamos, então, mais uma vez, em nossa pesquisa que traz como proposta a leitura de 6 obras literárias em vários espaços escolares que não se restringirão à sala de aula. Queremos que o leitor com o livro em suas mãos possa tê-lo para ler, reler, gostar ou não da sua história, dialogar com os outros interlocutores e com outros textos que serão levados para encontros na perspectiva polifônica de Bakhtin e o Círculo (2009).

Logo, entendemos que a Literatura é um direito que deve ser preservado e ampliado a todos. A Literatura é resistência, porque permite ter a representatividade de várias vozes que são caladas e invisíveis na sociedade. Sendo assim, formar leitores nessa perspectiva cada vez mais é uma necessidade em nossa conjuntura atual. Por isso, no próximo capítulo, discutiremos o percurso metodológico da nossa pesquisa para que possamos contribuir com a criação de uma possibilidade para tantos professores e interessados na promoção da Literatura como ação democratizadora.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

Para desenvolvermos essa pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa, que se sustenta na compreensão de dados pautada na realidade. Essa abordagem pressupõe um investigador que frequenta os locais de estudo, considerando as ações humanas dos sujeitos e os contextos nos quais estão inseridos. Logo, nosso foco foi a observação participante, com algumas particularidades da pesquisa-ação, utilizando como instrumentos para análise de dados questionários semiabertos, diários de registro e entrevistas com os sujeitos envolvidos na pesquisa.

A opção dessa abordagem justificou-se pela forma como ela nos permite dialogar com o mundo e com as relações humanas que permeiam a sala de aula, pois nela incorporamos a questão do significado e da intencionalidade nas construções significativas do ser humano e, principalmente, nos sujeitos, os alunos.

Além do mais, esse tipo de abordagem dialoga muito com a sala de aula e o professor. Bogdan e Biklen (1982) fazem uma comparação entre o docente e o investigador, mostrando como eles estão próximos, porém apresentando em que se diferem

[...] Muitas pessoas inteligentes e leigas são bons observadores do mundo que as rodeia, procedem a formas sistemáticas de questionação e chegam a conclusões. Os bons professores fazem-no de forma consistente. O que eles fazem é, de certo modo, investigação qualitativa, mas difere nalguns aspectos. Em primeiro lugar, o dever principal do observador é o de conduzir investigação; não tem de perder tempo a elaborar currículos, a dar aulas e a disciplinar os alunos. O investigador pode, pois, devotar-se à investigação de alma e coração. De igual modo, os investigadores procedem com rigor no que diz respeito ao registo detalhado daquilo que descobrem. Conservam os seus dados. Os professores também têm registros, mas estes são muito menos detalhados e de tipos diferentes. Além do mais, os investigadores não têm tanto interesse pessoal nas observações que fazem e nos resultados que obtêm. A vida, carreira e autoconceito do professor estão sempre intimamente ligados ao modo particular como ele desempenha as suas tarefas. Isto não significa que os professores não possam ultrapassar estas questões, de modo a poderem conduzir investigação [...] (BOGDAN; BIKLEN, 1982, p. 64).

Dessa forma, entendemos que, por sermos pesquisadores, mas também professores, fazemos cotidianamente investigações qualitativas ao buscarmos analisar os instrumentos que usamos em sala de aula para chegarmos à conclusão ou a respostas sobre algo que nos intriga. Essa razão ratifica a escolha da abordagem qualitativa.

Consoante com nosso campo de pesquisa e nosso corpus, utilizamos a reflexão ainda feita por Bogdan e Biklen (1982), a respeito da abordagem qualitativa usada na educação.

(...) A abordagem qualitativa, aplicada pedagogicamente, não constitui nem uma técnica terapêutica nem uma técnica de relações humanas. É, sim, um método de investigação que procura descrever e analisar experiências complexas. Partilha semelhanças com os métodos de relações humanas na medida em que, como parte do processo de recolha dos dados, devemos escutar correctamente, colocar questões pertinentes e observar detalhes. Mas os seus objectivos não são terapêuticos. A ênfase interaccionista simbólica na compreensão da forma como um conjunto de pessoas, numa determinada situação, dá sentido ao que lhes esta acontecer, encoraja uma compreensão empática dos diferentes pontos de vista (BOGDAN; BIKLEN, 1982, p. 291).

Nossa pesquisa conversa intrinsecamente com esses pressupostos, porque queremos entender todo o processo, e não apenas seus resultados, a fim de apontar, por meio de experiências polifônicas de leitura, caminhos para formação de sujeitos leitores na sociedade que está sempre se renovando.

A abordagem qualitativa em nossa pesquisa permitirá entender como, por meio de práticas polifônicas, podem ser formados leitores no ensino fundamental II que serão permeadas por um contexto social e atividades humanas, a partir de um contato prolongado e mais próximo com os sujeitos e o cenário da pesquisa, neste caso, a sala de aula ou espaços de leitura.

Temos, ainda, a consciência de que a abordagem qualitativa é permeada por cinco pressupostos básicos, apresentados por Bogdan e Biklen (1982), que dialogam com a proposta investigativa da nossa pesquisa, a partir do seguinte paralelo:

Quadro 3 – Paralelo entre características da pesquisa qualitativa na Concepção de Bogdan e Biklen (1982) e as particularidades do nosso estudo

Características da Pesquisa Qualitativa apresentadas por Bogdan e Biklen (1982)	Características do presente estudo
1. Segundo os dois autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, através da realização do trabalho intensivo de campo.	O contato entre a pesquisadora e os sujeitos pesquisados será prolongado e intenso, pois produziremos os dados durante o primeiro semestre de 2020, em reuniões e encontros mensais.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos.	O material que compõe o corpus da pesquisa resultará das transcrições de entrevistas coletivas/individuais, das nossas interações verbais e depoimentos dos sujeitos envolvidos no processo, os quais serão registrados em nosso diário de campo, além das fotografias produzidas em nossos encontros. Todos esses dados agregarão sentidos importantes à contextualização do nosso campo de pesquisa.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas	O eixo norteador da pesquisa enfatizará o processo: analisará as propostas polifônicas dos encontros, as concepções dos sujeitos da pesquisa sobre leitura, literatura como direito, a partir da sua participação nas atividades propostas pelo estudo – suas falas, depoimentos, reações à leitura e ao processo polifônico das oficinas – para pensarmos propostas diferenciadas para a atividade literária na escola.
4. O "significado" que as pessoas dão às coisas e à vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a "perspectiva dos participantes", isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas.	A perspectiva dos participantes desse estudo nas atividades de leitura de literatura na escola a partir da polifonia e a maneira como se constituirão no processo da pesquisa serão o foco desse trabalho que buscará considerar a diversidade dos pontos de vista dos sujeitos envolvidos por meio de encontros polifônicos. A pesquisa estimulará a participação ativa desses sujeitos, ao considerar como dados importantes suas intervenções espontâneas, seus lugares sociais e suas concepções divergentes acerca das questões discutidas.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima.	As hipóteses iniciais desse estudo emergiram das experiências concretas de leitura que se apresentarem em nosso cotidiano escolar. Já os sujeitos da pesquisa e as pesquisadoras construirão encontros polifônicos para fazer emergir os debates sobre as obras literárias, seu papel na escola e na vida de cada sujeito envolvido em contextos sociais, provocando assim o efeito humanizador que a literatura pode ter bem como fazer com o que sujeito se veja como crítico a realidade que está inserido.

Fonte: Fernandes (2005, p. 17) (adaptado).

Na escolha da abordagem qualitativa, a observação participante será a referência para a pesquisa, porque ela pretenderá dialogar com todos os envolvidos de modo a ser afetada como também afetar seu corpus de análise. Ela também nos permitirá

ampliar conceitos que são afirmados por muitos especialistas da educação no que tange a práticas educativas exitosas ou não.

Ademais, a observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. As informações que consegue, as respostas que são dadas às suas perguntas, ocorrerão, no fim, do seu comportamento e das relações que desenvolve com os participantes da pesquisa. Uma autoanálise faz-se, portanto, necessária e convém ser inserida na própria história da pesquisa.

É importante salientar que a observação participante se dará, em princípio, por meio de diários de campo, interações verbais e questionários que pretendemos realizar ao longo da nossa pesquisa com os sujeitos envolvidos nela.

No contexto do trabalho que pretendemos realizar, a pesquisa-ação será um elemento sustentador, a partir de algumas particularidades, uma vez que a nossa pesquisa não se interessa apenas com manifestações da sociedade e suas interfaces.

Nesse caso, entendemos que a pesquisa-ação apoia a construção da aprendizagem e de sujeito que será dotado de pensamento crítico para o processo de mudanças de um grupo, assumindo uma postura mais independente em seu papel de protagonista social (OLIVEIRA, 1999). Sendo assim, essa interpretação dialoga com nossa pesquisa, uma vez que ela pretende que sujeitos, os quais, muitas vezes, são invisíveis pela sociedade e têm a sua participação social abafada ou até mesmo negada, possam se formar, entender-se como cidadãos capazes de interpretar o mundo em que vivem e a partir daí se relacionarem melhor com ele e com os demais atores que os cercam.

Ainda sobre a pesquisa-ação, a entendemos e a usaremos a partir das seguintes particularidades mencionadas por Franco (2005):

- uma abordagem de pesquisa, com característica social, associada a uma estratégia de intervenção e que evolui num contexto dinâmico;
- é uma pesquisa que parte do pressuposto de que pesquisa e ação podem estar reunidas;
- essa pesquisa pode ter por objetivos a mudança, a compreensão das práticas, a resolução dos problemas, a produção de conhecimentos e/ou a melhoria de uma situação dada, na direção proposta pelo coletivo;

- deve se originar de necessidades sociais reais; deve estar vinculada ao meio natural de vida; contar com a participação de todos os participantes, em todas as suas etapas;
- metodologicamente, deve ter procedimentos flexíveis, ajustar-se progressivamente aos acontecimentos; estabelecer uma comunicação sistemática entre seus participantes e se auto-avaliar durante todo processo; (...) (FRANCO, 2005, p. 496).

Nossa pesquisa interessa-se por esses pressupostos, uma vez que ela não objetiva somente as explicações de cunho social. Pretende, então, a ampliação de conhecimentos acerca do que está sendo estudado, inclusive, de forma atemporal, além de trazer uma nova perspectiva para a leitura de literatura na escola por meio de um projeto de leitura e o uso do conceito de polifonia que surgiu no romance para emergir dentro da educação.

Em diálogo com Thiollent (1992), na metodologia Pesquisa-Ação, o estudo da relação entre saber formal e saber informal visa a estabelecer ou a melhorar a estrutura de comunicação entre dois universos: o dos pesquisadores e o dos sujeitos participantes da pesquisa.

A pesquisa-ação será usada, então, pelo nosso envolvimento nos variados segmentos da pesquisa: que começará pela definição do problema até o planejamento de uma ação que resultará em uma melhoria para o grupo de participantes que compõem a pesquisa.

Para entendermos melhor o diálogo do nosso trabalho e as premissas da pesquisa-ação, recorreremos a Franco (2005), que nos apresenta alguns de seus principais aspectos:

Quadro 4 – Paralelo entre características da pesquisa ação na concepção de Franco (2005) e as particularidades da presente pesquisa

Características da Pesquisa Ação apresentadas por Franco (2005)	Características da presente pesquisa
1. A pesquisa parte do pressuposto de que pesquisa e ação podem estar reunidas;	1. Em nossa prática de pesquisa, buscaremos, por meio de práticas polifônicas, estimular a interação entre os sujeitos envolvidos, de modo que suas observações, interlocuções, críticas e sugestões sejam levadas em consideração no percurso da situação investigada.
2. A abordagem de pesquisa, com característica social, associada a uma estratégia de intervenção e que evolui num contexto dinâmico	2. As questões relativas à leitura literária e à formação do leitor crítico por meio de práticas polifônicas, a partir de experiências de leitura do projeto <i>Minha biblioteca: Ler , Contar , Encantar...</i> delinearão um quadro investigativo cujo foco será de que forma um programa de leitura na escola usando a polifonia como metodologia pode ser um caminho para formar leitores no Ensino Fundamental II
3. A pesquisa pode ter por objetivos a mudança, a compreensão das práticas, a resolução dos problemas, a produção de conhecimentos e/ou a melhoria de uma situação dada, na direção proposta pelo coletivo.	3. As situações que serão vivenciadas e observadas pelas pesquisadoras e pelos sujeitos envolvidos no estudo deverão, em princípio, esclarecer alguns pontos no que tange a formação do leitor no ensino fundamental II, bem como contribuir para que a polifonia seja pensada como um caminho no trabalho com a leitura na escola para formação de sujeitos-leitores no ensino fundamental II.
4. A pesquisa deve se originar de necessidades sociais reais; deve estar vinculada ao meio natural de vida; contar com a participação de todos os participantes, em todas as suas etapas;	4. Os sujeitos participantes da pesquisa trabalharão em conjunto com a pesquisadora nos processos decisórios do estudo: escolha dos campos de pesquisa, dos dias e datas para os encontros literários, além das metodologias de leitura adequadas a cada oficina. As alterações surgidas no caminho serão discutidas, divulgadas e apreciadas pelo grupo.
5. A pesquisa metodologicamente, deve ter procedimentos flexíveis, ajustar-se progressivamente aos acontecimentos; estabelecer uma comunicação sistemática entre seus participantes e se auto-avaliar durante todo processo	5. Nossa pesquisa também levará em conta o interesse dos sujeitos envolvidos em repensar as nossas práticas leitoras para formação de um leitor crítico no ensino fundamental II, levando sempre em consideração o diálogo entre o projeto de leitura “Minha biblioteca, ler, contar e encantar” e os outros textos que serão trabalhados nos encontros, além das contribuições trazidas pelos sujeitos desse estudo. Pretendemos fazer uma análise crítica do nosso papel e do nosso nível de envolvimento nos contextos pelos quais transitaremos no cenário educacional usando para isso o conceito da polifonia.

Fonte: Franco (2005) (Adaptado).

Logo, acreditamos que o uso da pesquisa qualitativa, cujo foco será a observação participante, com intervenção e com algumas particularidades da pesquisa-ação, permite um envolvimento maior entre as pesquisadoras, os sujeitos da pesquisa e os contextos nos quais efetivamos nossas práticas. Para isso, utilizamos instrumentos que se encontram descritos na próxima subseção.

6.1 O DIÁLOGO COM O OUTRO

A escolha da abordagem qualitativa com o uso de particularidades da pesquisa-ação requer um envolvimento do pesquisador com seus sujeitos de análise e o campo pesquisado, para que o investigador possa reunir dados descritivos sobre pessoas, lugares e práticas de interação, por meio do convívio contínuo com a situação estudada, de forma que os fenômenos sejam compreendidos segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da situação em estudo.

Apresentaremos, então, os instrumentos que utilizamos em nossa pesquisa para produção de dados.

Diário de registros

Já que investigaremos um projeto de leitura a partir de um conceito pouco aplicado nos espaços escolares, a polifonia, e pretendemos ouvir os sujeitos que estão em ampla interação com isso, registramos em forma de tópicos e anotações as observações, depoimentos pessoais e intervenções dos sujeitos pesquisados em nossos encontros mensais para posteriores análises e comparações do corpus de pesquisa.

Análise documental

O projeto de leitura *Minha biblioteca, ler, contar, encantar...* é promovido pela Prefeitura de Viana, logo, trata-se de uma ação do governo municipal que traz objetivos e várias ações para democratizar a leitura em seus espaços escolares. Portanto, a análise documental será importante para o levantamento de dados que realizaremos, a partir dos documentos específicos como a origem e a metodologia dessa ação de leitura, bem como ela acontecerá nas escolas e seus possíveis resultados.

Questionários

Para melhor entendermos as escolhas teóricas e metodológicas, bem como projeto de leitura criado pela prefeitura e as concepções de leitura empregadas em nossa pesquisa, aplicaremos um questionário para a turma do 7º ano no início do estudo em

abril, antes do primeiro encontro, a fim de relacionarmos suas visões, opiniões e o modo como percebem a importância da leitura, o contato com o livro entre outros, e outro no final dos 8 encontros, para fazermos uma comparação dos sujeitos antes e depois do projeto.

6.2 O CORPUS E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nossa pesquisa aconteceria com estudantes de uma escola municipal de Viana em uma turma de sétimo ano, que têm em torno de 12 a 15 anos, participantes do projeto de leitura institucional intitulado *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar*.

A escola municipal de ensino fundamental escolhida para pesquisa se localiza em Nova Betânia, um bairro que possui uma demanda muito grande de alunos, em contrapartida o número de escolas não é compatível com a realidade. Exemplo disso é a EMEF que subsidiará nosso trabalho, com, apenas no turno matutino, no ano de 2019, 500 alunos, entre turmas de 6º e 7º anos, mais 500 no vespertino, com educandos de 1º a 5º anos, e, no noturno, na modalidade de EJA, mais 200 alunos.

É importante dizer que a maioria dos alunos da modalidade de Educação para Jovens Adultos (EJA) era do turno matutino, que já havia completado 15 anos e tinha apresentado problemas de indisciplina. Muitos deles já estavam cursando, pela 3ª ou 4ª vez, o 6º ou 7º anos. A maioria meninos e negros. No contexto apresentado, é notório esclarecer que a escola está localizada em um dos bairros com o maior índice de violência do município, e, de acordo com o Data Social¹⁵, possui a maior porcentagem de domicílios com renda inferior a 70 reais, ou seja, a maioria dos alunos que a frequentam conhecem a extrema pobreza de perto. Além disso, mais de 50% dos alunos são cadastrados no programa Bolsa Família e acredita-se que devido a isso o número de evasão na escola diminuiu - embora a taxa ainda seja significativa.

Segundo o IBGE, no Censo de 2010, o município possuía 65.001 residentes. Desse total, 3.649 viviam em situação de extrema pobreza, o que correspondia 5,6% da

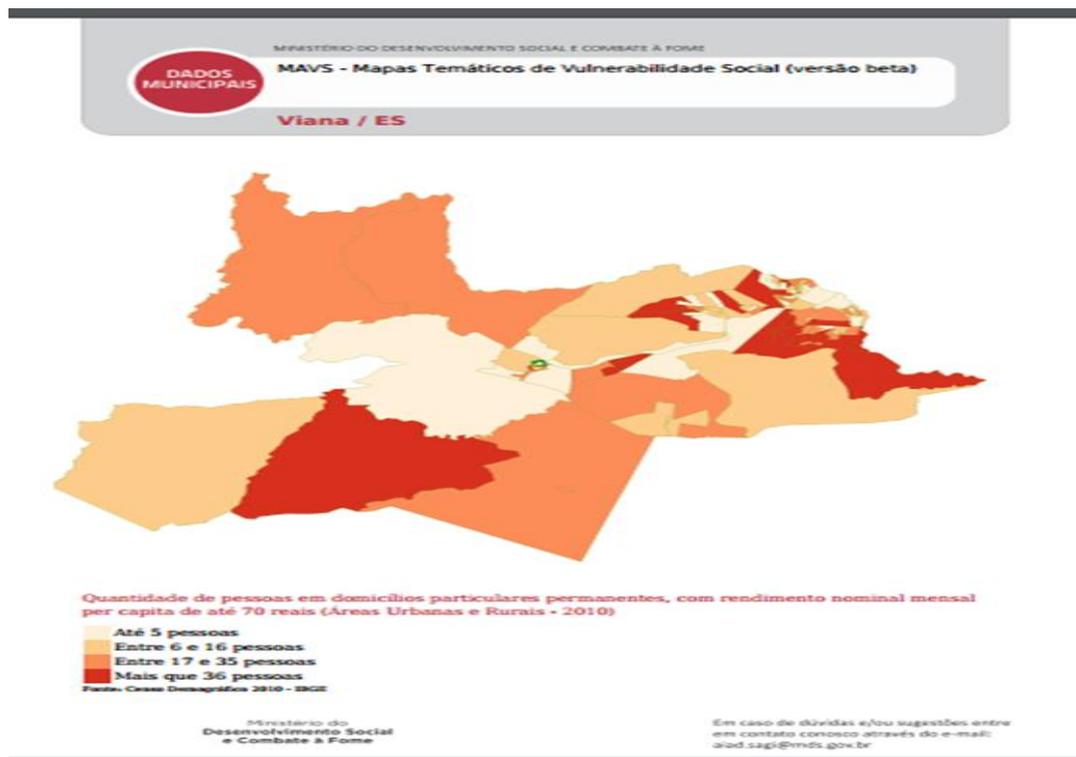
¹⁵ O Data Social é um portal que disponibiliza dados e indicadores para a elaboração de diagnósticos atualizados e o monitoramento das políticas do extinto MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome), além de informações de contexto social, demográfico e econômico de municípios, estados, regiões e Brasil.

população total da cidade. Além disso, é sabido que 230 (6,3%) estavam em meio rural e 3.419 (93,7%) no meio urbano. Ou seja, a extrema pobreza está em consonância com o desenvolvimento urbano da cidade, porque é nela que se concentra.

Ainda sobre esse número, há dados preocupantes e que implicam diretamente no desenvolvimento da população do município. De acordo com o Data Social (2016), sabe-se que a concentração maior de habitantes em extrema pobreza está na faixa etária entre 18 e 39 anos. E esses, em sua maioria, são chefes de domicílio. Além disso, das pessoas com mais de 15 anos em extrema pobreza, 582 não sabiam ler ou escrever, o que representa 24,1% dos extremamente pobres nessa faixa etária. Dentre eles, 309 eram chefes de domicílio.

O município conta com programas como o Bolsa Família, Mais Educação, Pronatec, Brasil-carinhoso, creches.

Figura 6 – Percentual de domicílios com renda domiciliar per capita menor que R\$ 70,00



Fonte: Mapa gerado pelo Data Social (2016).

Sendo assim, a escola atende um público que vive a pobreza e a extrema pobreza cotidianamente. Logo, nossa pesquisa buscou dialogar amplamente com esse contexto social, uma vez que por meio da literatura e de aulas polifônicas, pretendemos encontrar um caminho para formação de sujeitos críticos apresentados em nosso cenário.

Em relação à estrutura da escola, têm-se 14 salas de aulas que são distribuídas em 2 pavimentos, todos com quadros brancos, cadeiras e mesas para alunos e professores, 1 sala para professores, 1 secretaria integrada à sala do diretor, 1 sala para atendimento de aulas especiais, 1 sala para coordenadores, 1 sala para planejamento, 1 sala de coordenação, banheiros, refeitório, 1 quadra, 1 biblioteca que funciona apenas em alguns dias da semana por não ter bibliotecário, apenas uma funcionária que atende os estudantes, por ter sido realocada pela prefeitura por problemas médicos, caracterizando-a como desvio de função, 1 sala de informática desativada e 1 sala de vídeo.

Nossa pesquisa pretendia utilizar o que o colégio tinha para oferecer em sua infraestrutura, não nos limitaríamos apenas à sala de aula ou à biblioteca, até mesmo porque atuaríamos com práticas polifônicas e trabalharíamos na perspectiva de um grande diálogo que todo o conjunto desse espaço escolar pode nos ofertar.

Figura 7 – Fachada da EMEF Dr. Tancredo de Almeida Neves



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Figura 8 – Entrada da biblioteca



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Figura 9 – Biblioteca



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Figura 10 – Quadra da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Diante do contexto exposto, apresentaremos na próxima subseção nosso plano de intervenção elaborado para atuação de nossa pesquisa, antes do contexto atual que vivemos: a pandemia.

6.3 PLANO DE INTERVENÇÃO

O plano de intervenção que será apresentado servirá para expor uma visão panorâmica da proposta dos encontros da pesquisa, não só para facilitar o entendimento do que se pretendia fazer, mas também para motivar, sugerir e fomentar a ampliação de outras ações que poderão ser realizadas ao longo das aulas.

Precisamos lembrar que nossa interlocução se deu por meio do projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar*, por isso, algumas ações estão em diálogo com o que inicialmente foi orientado pela Secretaria de Educação do município aos professores que estão inseridos no programa, por exemplo, a escolha dos temas dos

encontros é consoante ao livro que a prefeitura distribuiu por igual nas escolas do município¹⁶.

Inicialmente, pensamos em realizar oito encontros para uma turma de 7º ano de uma escola em Viana. Esses seriam feitos nos mais diferentes espaços escolares, por exemplo, biblioteca, quadra, sala de vídeo entre outros. Esses encontros foram pensados em torno da leitura das obras que os alunos ganharam do projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar*. Além disso, os(as) estudantes teriam outros textos que dialogariam com os livros e as temáticas dos encontros que ocorrerão todo mês na pretensão de término em julho.

Quadro 5 – Cronograma do planejamento dos encontros da prática de pesquisa

Tema do encontro	Descrição geral	Duração	Mês	Local
1- A importância da leitura para o ser humano	Roda de leitura com diálogos a respeito da importância da leitura, a partir de vídeo, leitura de trechos de obras literárias e discussão sobre ler na escola.	2 aulas de 55 minutos	Abril	Biblioteca
2- O projeto Minha Biblioteca: ler, contar, encantar	Roda de leitura na qual os/as alunos (as) mostrarão os textos que gostaram de ler no projeto de leitura e, posteriormente, uma atividade que busca fazer a releitura da capa da obra literária preferida.	2 aulas de 55 minutos	Abril	Sala de aula
3- As obras literárias, a sala de aula e os sujeitos	Roda literária na qual os/as alunos (as) lerão juntos a obra <i>Uma professora muito maluquinha</i> , de Ziraldo, posteriormente, farão o registro no diário de leitura e uma atividade que dialoga com o olhar do/da aluno(a) sobre o/a docente, a escola e a sala de aula entre outras temáticas que podem surgir nas discussões	2 horas de 55 minutos	Maio	Quadra da escola
4-As obras literárias, a sala de aula e os sujeitos	Roda literária na qual os/as alunos(as) lerão juntos a obra <i>Sonho de uma noite de verão</i> , de Shakespeare com tradução de Walcyr Carrasco, posteriormente, farão o registro no diário de leitura, a releitura do texto.	2 aulas de 55 minutos	Maio	Biblioteca
5- As obras literárias, a sala de aula e os sujeitos	Roda literária na qual os/as alunos (as) ouvirão juntos a obra <i>A tempestade</i> , William Shakespeare, com tradução de Fernando Nuno,	2 aulas de 55 minutos	Junho	Pátio da escola

¹⁶ O projeto *Minha Biblioteca : Ler , Contar , Encantar*, por uma questão de logística da Secretaria de Educação, decidiu que as obras literárias deverão ser lidas na mesma ordem por todas as escolas do município.

	posteriormente, farão o registro no diário de leitura, produzirão um fanzine e finalizarão com um vídeo produzido no TikTok.			
6- O projeto Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar e as práticas polifônicas de leitura para além da escola	Roda literária na qual os/as alunos (as) mostrarão os textos que gostaram de ler no projeto de leitura e, posteriormente, a atividade que produziram em relação a ele que será para um jornal literário entregue na comunidade em que a escola está inserida.	4 aulas de 55 minutos	Junho	Sala de aula Sala de vídeo Quadra Biblioteca
7- O clube do livro	Estudo e pesquisa sobre o que é um clube do livro para a formação de um clube na escola.	2 aulas de 55 minutos	Julho	Biblioteca
8- Café com livro	Realização de diversas atividades organizadas com os (as) alunos (as) que culminará em um café com livro.	2 aulas de 55 minutos	Julho	Quadra

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

A partir desse percurso, pretendíamos iniciar nossa pesquisa para ter uma compreensão melhor sobre o projeto de leitura *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar* ...para que assim pudessemos ter uma proposta a mais a ofertar para tantos educadores(as) e estudantes que permeiam as salas de aula brasileiras.

Contudo, no cenário atual – afetado pela pandemia – a vigilância sanitária, em diálogo com os representantes do município de Viana e da Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo, decidiu suspender as aulas presenciais nas escolas da Rede Municipal, a partir do dia 16 de março de 2020.

O contato que tínhamos com muitos(as) alunos(a) da EMEF Dr. Tancredo de Almeida Neves era somente físico, porque estes não têm computador, celular e internet. Por isso, as aulas remotas da Rede Municipal de Ensino aconteceram, durante todo ano letivo, por meio de confecção e distribuição de apostilas. Para conhecimento da comunidade escolar, todas as informações referentes à educação eram transmitidas por meio dos canais de TV e cartazes afixados na frente das escolas.

Tentamos criar, no mês de maio, os grupos de *Whatsapp* com os(as) estudantes e os pais/responsáveis que possuíam celular para que pudessemos esclarecer possíveis dúvidas e não perder o vínculo com os(as) discentes, mesmo assim não conseguimos manter o contato pela falta de recursos dos envolvidos.

Apesar de o contexto pandêmico ter afetado a nossa pesquisa, impossibilitando a aplicação das atividades propostas no cronograma de organização, isso não impediu que buscássemos um diálogo entre o projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar* e o conceito de Polifonia. Além disso, buscamos com nossos pares validarmos o e-book.

Por essa razão e com a compreensão da Coordenação Nacional do Mestrado Profissional em Letras, que entendeu não haver condições de o produto ser colocado em prática, as atividades do caderno pedagógico foram somente propositivas.

Reafirmamos a nossa disponibilidade para estabelecer diálogos com outras obras e temas, para além dos propostos pelo projeto, por isso a proposição inicial dos encontros traz em sua base apenas os livros do projeto, os quais serão ampliados pelas vozes dos participantes, seja por suas experiências de leitura, seja pela inclusão de outros livros e gêneros literários.

Nos diálogos de base teórica que estabelecemos com as pesquisas dos últimos quatro anos e nas análises do referencial teórico que elencamos junto ao percurso metodológico que pretendemos fazer, verificamos a importância do nosso objeto de estudo e encontramos temas que se assemelham ao nosso, todavia nossa proposta se faz diferenciada, sobretudo, devido ao apontamento da polifonia estudada por Bakhtin (2011) como um caminho para experiências de leitura colaborando na construção de um sujeito leitor no Ensino Fundamental II. Essa interlocução com as pesquisas também contribuiu para legitimar o potencial que a polifonia e a leitura de resistência apresentam para a formação de leitores, quando as obras são selecionadas e ajustadas a uma metodologia capaz de propiciar o exercício dinâmico e polifônico da linguagem na área de leitura.

A seguir, apresentaremos o produto educacional desenvolvido a partir da nossa pesquisa.

7 O PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional elaborado nesta pesquisa foi um caderno pedagógico, em formato de e-book, construído a partir do cotejamento entre o texto do projeto escolhido como corpus de pesquisa e as matrizes teóricas que subsidiaram as nossas reflexões, seguindo dessa forma a orientação da área 46 – Ensino, subárea de Ensino de Ciências Humanas, Linguagens e Artes, da Capes/MEC, que recomenda os seguintes produtos educativos:

- a. Mídias educacionais (vídeos, simulações, animações, experimentos virtuais, áudios, objetos de aprendizagem, aplicativos de modelagem, aplicativos de aquisição e análise de dados, ambientes de aprendizagem, páginas de internet, blogs e jogos educacionais etc);
- b. Protótipos educacionais e materiais para atividades experimentais;
- c. Propostas de ensino (sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção etc);
- d. Material textual (manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares);
- e. Materiais interativos (jogos, kits e similares);
- f. Atividades de extensão (exposições científicas, cursos de curta duração, oficinas, ciclos de palestras, exposições, atividade de divulgação científica, etc);
- g. Programa de rádio e TV ou Patentes (depósito, concessão, cessão e comercialização).

Segundo a Capes (2013),

O Profletras busca formar professores de língua portuguesa voltados para a inovação na sala de aula, ao mesmo tempo que, de forma crítica e responsável, possam refletir acerca de questões relevantes sobre diferentes usos da linguagem presentes contemporaneamente na sociedade. Esse professor precisará responder aos desafios educacionais do Brasil contemporâneo, considerando princípios fundamentais da construção de uma educação linguística que vise a práticas sociais mediadas pela linguagem (CAPES, 2013, on-line).

Logo, acreditamos que ao propormos experiências polifônicas de leitura a partir de um projeto que incentiva a leitura de textos literários estamos colaborando com professores/professoras, alunos /alunos e a comunidade em geral para mais uma possibilidade de se construírem e ajudar a construir leitores.

Cabe ressaltar que o contexto pandêmico em que nos encontramos alterou a dinâmica dos nossos encontros, visto que foi impossível ter um contato direto com os /as alunos

(as) como já foi citado anteriormente. Por isso, trouxemos reuniões propositivas ao longo de todo o material.

O nosso caderno pedagógico foi validado, então, em dois momentos: com os nossos pares e com a banca na defesa do Trabalho Final de Conclusão, em 2021.

A observação participante ocorreu a partir da integração entre as pesquisadoras e os nossos pares, indicando, pois, uma atitude polifônica e dialógica dos envolvidos na pesquisa.

Outras adequações, no decorrer do processo investigativo, puderam instaurar novas práticas ou caminhos, se pensarmos na abordagem que escolhemos e que pressupõe certa flexibilidade entre pesquisadores e participantes.

Optamos, então, por criar um caderno pedagógico, em forma de e-book, apresentando sugestões de atividades para mediar um trabalho em que se desenvolvam experiências polifônicas de leitura para alunos(as) de Ensino Fundamental II, tendo em vista a formação de leitores e propostas de aulas de leitura que fujam do modelo tradicional. É importante oferecer e disseminar novas formas de acesso à leitura que superem as limitações das fichas de leituras entre outros.

Esse caderno é composto de oito encontros. Os encontros iniciais são de incentivo à leitura, como também apresentação e a avaliação do projeto de leitura *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* Nos demais encontros, são propostas atividades relacionadas a cada tema, envolvendo textos literários de diversos gêneros e em diálogo com as obras ofertadas pelo projeto de leitura. Os temas foram pensados para que o/a discente experimente práticas de leitura em que ele conheça o assunto estudado, afinal precisamos ter informações para entender o mundo e intervir nele. Os encontros foram distribuídos da seguinte forma:

1º encontro: A importância da leitura para o ser humano

A fim de conhecer melhor a relação do/da discente com a leitura literária, considerando que ela constitui um prazer e um direito de todos, além de possibilitar ao leitor descobrir quantas vozes e mundos diferentes ele pode viver por meio das histórias e

dos livros de literatura, propomos um diálogo aos alunos (as) a partir da apreciação do curta-metragem “Meu amigo Nietzsche”, com o texto de Clarice Lispector” Um fato inusitado e um pedido”.

2º encontro: O projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...*

Sugerimos a reflexão sobre o trabalho já realizado com a leitura no Projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* em sua primeira edição para propormos sugestões de práticas polifônicas da leitura. Acreditamos que, a partir do compartilhamento daquilo que foi vivenciado no ano de 2019 pelos estudantes e pela professora regente, bem como ter uma escuta responsiva dessa ação de leitura fosse importante para apontarmos caminhos a percorrer utilizando conceito-chave da polifonia.

3º encontro: As obras literárias, a sala de aula e os sujeitos - *Uma professora muito maluquinha*.

Propomos o trabalho com a leitura literária na perspectiva da prática polifônica a partir da obra “Uma professora muito maluquinha”, de Ziraldo. A escolha do título se deu porque ele foi doado pelo projeto *Minha biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* Logo, os/as alunos (as) receberiam a obra para realizar a leitura. Aproveitamos o enredo do livro para sugerir debates a respeito do papel da mulher na sociedade, da escola para os /as estudantes entre outros. Além disso, sugerimos um diálogo com o conto “Apólogo”, de Machado de Assis.

4º encontro: As obras literárias, a sala de aula e os sujeitos - *Sonho de uma noite de verão*, William Shakespeare com tradução de Walcyr Carrasco

Houve uma continuação da proposta de trabalho com a leitura literária a partir do conceito-chave polifonia com a obra “Sonho de uma noite de verão”, William Shakespeare, com tradução de Walcyr Carrasco. Mais uma vez, a escolha do título se deu, porque usamos a ordem estabelecida pelo projeto que atenderia todos os/as alunos (as) da rede municipal. Nesse encontro, além da leitura coletiva do livro, sugerimos a releitura do texto, por meio da atividade livro na caixa, um diálogo entre o texto escrito e a obra cinematográfica e, por fim, um debate para um grande encontro de vozes.

5º encontro: As obras literárias, a sala de aula e os sujeitos – *A tempestade*, William Shakespeare com tradução de Fernando Nuno

Com o propósito de prosseguirmos com as experiências polifônicas de leitura, a partir da leitura das obras doadas pelo projeto, sugerimos a leitura coletiva do livro “*A tempestade*”, William Shakespeare, com tradução de Fernando Nuno. A escolha do título é a mesma dos anteriores. Nessa reunião, os/as alunas ouvem juntos a obra, posteriormente, fazem o registro no diário de leitura, produzem um *fanzine* e finalizam com um vídeo produzido no TikTok. Ademais, recomendamos o diálogo com o texto de “*Se os tubarões fossem homens*”, de Bertold Brecht, traduzido por Nuno.

6º encontro: O projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* e as práticas polifônicas de leitura para além da escola

Para potencializar as práticas de leitura polifônicas, sugerimos que as ações propostas com a leitura e o projeto de incentivo abarcasse não só os/as estudantes, mas também a comunidade em que a escola estava fixada. Por isso, sugerimos a ampliação do trabalho já realizado com a leitura no *Projeto Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* a partir do compartilhamento daquilo que foi vivenciado ao longo dos encontros pelos(as) estudantes, bem como a promoção das obras lidas, por meio do jornal literário produzido pelos(as) alunos (as) e entregue na comunidade. Achamos importante ampliar a construção de sujeitos leitores e chegar àqueles que ainda não são.

7º encontro: Equipolência de vozes – o clube do livro

A finalidade dos encontros de leitura era de trabalhar práticas polifônicas a partir do *Projeto Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar*. Logo, não podemos perder de vista que a polifonia é entendida como um grande concerto de vozes. Nele cada voz tem sua individualidade ou consciência. Por isso, acreditamos que, em prol de uma prática polifônica, aliada a alguns pressupostos de Paulo Freire (1989) sobre a leitura, o clube do livro seja o espaço propício para que as práticas polifônicas de leitura continuem existindo no espaço escolar. Por isso, sugerimos o estudo do tema, bem como a organização de um clube do livro que pudesse atender não só os/as alunos, mas toda a comunidade que tivesse vontade participar dele. Logo, foi sugerido o diálogo com a obra cinematográfica “*A sociedade dos poetas mortos*” (1989) para que os/as discentes entendessem a organização de um clube de leitura.

8º encontro: Encontro de vozes – café com livro

Acreditamos que a polifonia aparece também no ato. Logo, o conceito não é abstrato. Além disso, sabemos que o acúmulo de vozes influencia no fazer, ou seja, a palavra do falante abre uma fissura no pensamento do ouvinte. Sendo assim, a sala de aula e os espaços de aprendizagem precisam ser um local de encontro de vozes ou do ecoar delas. Por isso, para este último encontro, concluídas as leituras das obras selecionadas, bem como a realização de diversas atividades, a proposição é a organização com os (as) alunos (as) de um Café com livro.

Esperamos que se realize uma confraternização que procurará trazer várias manifestações dos sujeitos que têm como premissa o diálogo entre passado, presente e futuro.

Cada encontro foi elaborado buscando sempre como norteador o conceito-chave polifonia, com vistas a uma melhor experiência de leitura dos /das alunos e alunas na escola e também fora dela, oportunizando, dessa forma, momentos para ecoarem suas vozes. Além disso, é possível incitar as mudanças que a Literatura faz com seu(a) leitor/ leitora.

Acreditamos que a sistematização das nossas práticas polifônicas de leitura poderá, sim, contribuir no contexto da educação básica, no que tange à formação de professores e a caminhos alternativos para a formação de leitores.

A seguir, apresentaremos a validação do produto educacional, baseada na avaliação de alguns professores(as) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, dos anos Finais. Vale ressaltar que as citações transcritas são espontâneas e resultam dos diálogos virtuais entre a pesquisadora e os(as) participantes da pesquisa.

7.1 VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Começamos este capítulo ratificando a escolha metodológica pela pesquisa qualitativa com algumas particularidades da pesquisa ação e observação participante, uma vez que ela nos permite modificar caminhos e ajustar a participação, bem como a interação entre as pesquisadoras e os (as) participantes da pesquisa, com vistas a manter o diálogo entre todos os (as) envolvidos (as) e objetivo da pesquisa.

Afinal, diante do contexto pandêmico, o contato com quaisquer pessoas ficou limitado, muitas vezes, ao mundo virtual, pois sabemos que o isolamento e o distanciamento social são medidas importantíssimas para evitarmos a propagação do vírus. Ademais, é importante entender que muitos (as) dos(as) estudantes não possuem acesso às tecnologias que permitiriam o contato com eles (as).

Logo, a validação do produto educacional deu-se em um encontro on-line com professores(as) de Língua Portuguesa realizado no dia 21 de dezembro de 2020, às 19 horas, por meio da plataforma *Google Meet* e durou cerca de 2h 30 minutos.

É importante ressaltar que entramos em contato com 10 professores (as) de Língua Portuguesa, via *Whatsapp*, explicando-lhes sobre o projeto e convidando-os a participarem da pesquisa. Em seguida, enviei o e-book para que avaliassem, como também pudessem pontuar suas considerações no momento do diálogo. Combinamos o encontro virtual em que explanaria toda a proposta do livro enviado e dialogaríamos sobre ele.

Iniciamos a validação com a apresentação da proposta de pesquisa e com o que me motivou a fazer esse trabalho. Em seguida, explanamos o produto educacional mostrando o objetivo geral dele e como foi a formulação de cada capítulo. A partir desse encontro virtual proposto, foram apresentadas algumas questões aos participantes, apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 6 – Perguntas propostas aos participantes da validação

Perguntas propostas aos (as) participantes da validação
Você considera os conteúdos dos encontros realizados durante o projeto importantes para o seu aprendizado?
A apresentação do conteúdo e a organização das atividades foram claras para você?
As narrativas lidas nos encontros foram interessantes para você?
De alguma forma, os textos literários com os quais dialogamos influenciaram o seu modo de ler um texto literário?
Em uma escala de 0 a 10, que nota você atribuiria aos encontros que nós desenvolvemos? Justifique.
Você aplicaria o produto educacional em suas turmas? Justifique sua resposta.

Fonte: Perguntas elaboradas pela autora (2020).

Diante das perguntas e das respostas dadas no encontro de validação pudemos observar as seguintes questões:

A) Design e extensão do produto educacional

Em relação ao design e a sua extensão obtivemos as seguintes proposições:

Professor A - O produto está muito bem organizado e subdividido, bem como os conteúdos, que estão construídos de forma bastante didática.

Professor B - A apresentação do conteúdo se deu de forma que pudemos entender nas propostas a aplicação do conceito de polifonia. A progressão das etapas ajuda a perceber isso e, certamente, pode contribuir para que o projeto alcance seus objetivos.¹⁷

Essas considerações nos levam a acreditar que o e-book, quanto a sua estrutura e *layout*, cumpriu o que foi almejado por nós, uma vez que os (as) participantes avaliaram que o produto é de fácil manuseio e organizado.

Além disso, chama-nos a atenção o trecho do Professor B quando diz: "... pudemos entender nas propostas a aplicação do conceito de polifonia...". Tal trecho reitera o que pretendemos com nossa pesquisa, que é estabelecer um diálogo entre o projeto

¹⁷ Optamos por não identificar os(as) participantes, e sim nos atentarmos às potencialidades das considerações.

e o conceito arquitetônico de polifonia de forma compreensível e didática para todos (as) envolvidos (as). Por isso, é importante saber deles(as) se o e-book ficou adequado e atende aos fins propostos, afinal eles(as) são verdadeiros(as) peritos(as) nesse assunto, por isso há a necessidade de consultá-los(las).

Vale destacar que a teoria deve extravasar o espaço e o tempo da concepção teórica. Por isso, faz-se importante o diálogo permanente entre os vários saberes nos mais diversificados espaços de aprendizagem. Sendo assim, a escola não poderia ficar de fora desse entendimento.

B) Grau de dificuldade das atividades e os textos escolhidos para o diálogo

Em relação ao grau de dificuldade das atividades e os textos escolhidos para o diálogo, os (as) participantes avaliaram:

Professor C- Muito pertinente, inclusive pela forma dinâmica e plural que se dá aos processos de leitura literária. E a parte teórica está bem acessível ao profissional que poderá utilizar o e-book com seus estudantes.

Professor D- O projeto nos apresenta a vários textos literários e possibilita a produção oral e escrita de gêneros discursivos diferentes. O contato com essas leituras pode contribuir para o desenvolvimento do sujeito leitor, ampliando sua visão de si, do outro e do mundo.

Professor E- Foram sim, claras, diversificadas e amplas. Uma visão abrangente da polifonia e uma abordagem da língua em uso, com alto investimento em gêneros multimodais e digitais.

Uma das expectativas desse diálogo era que os(as) participantes avaliassem as atividades e os textos para legitimar uma das intenções propostas pela pesquisa e pelo e-book, que é propor experiências polifônicas de leitura na sala de aula. Afinal, precisamos lembrar que o conceito de polifonia não é algo abstrato. Ele aparece também no ato. Além disso, dialogamos amplamente com Zilberman (2008) em suas pesquisas sobre as metodologias usadas nas escolas para o ensino de Literatura.

Diante disso, podemos observar pelos depoimentos que as estratégias de leitura, bem como os textos que dialogarão com o material cumpriram as expectativas almejadas por nós.

Professor F - A maneira como os conteúdos foram elencados promove um aprendizado único e importante para a vida dos alunos. Além de incentivá-los à prática de ler, esses conteúdos atraem a atenção dos estudantes para a participação efetiva das aulas, fazendo com que percebam as várias vozes presentes em cada leitura realizada.

Devemos sempre lembrar que a polifonia é entendida como um grande encontro de vozes. Por isso, o (a) professor (a) deve se lembrar que, ao levar esse conceito para sua prática pedagógica, a sala de aula também precisará ser polifônica. Ela deverá ser um espaço de conagração em que a aprendizagem ocorre para todos (as). As vozes dos (as) estudantes terão a mesma importância do que a dos (as) docentes.

C) Funcionalidade do produto

Em relação a funcionalidade do produto, precisávamos ter conhecimento se o e-book proposto seria utilizado pelos (as) participantes em suas aulas. Obtivemos como respostas:

Professor G - Trabalharia o produto educacional com as minhas turmas, pois as atividades contempladas em cada encontro promovem o incentivo à leitura e conduzem os alunos à aquisição do senso crítico e reflexivo.

Professor H- Com certeza aplicaria, pois é uma forma de trabalhar a leitura e a escrita de maneira interativa com os alunos e fazer com que eles se sintam responsáveis por sua própria aprendizagem.

Professor I - Sim, por ser proposta bem discursiva que dá voz e vez aos estudantes diante do material lido, respeitando seu posicionamento sobre o livro lido. Fora a prática de produção de um diário de leitura que é genial!

As respostas pontuadas legitimam a nossa pesquisa em relação ao que pretendíamos, pois entendemos que conseguimos de maneira propositiva estabelecer uma relação entre o projeto literário e a polifonia, no sentido de reconhecer que precisamos sugerir caminhos para o trabalho com a Literatura na sala de aula.

Ademais, compreendemos que somos sujeitos em constante construção e, por isso, nossas práticas, como também as formas de se aprender são melhoradas, ampliadas e modificadas ao longo do tempo. Dessa forma, este não é um trabalho acabado, pelo contrário, ele é inacabado. Contudo, sentíamos a necessidade de contribuir no

apontamento de caminhos para uma prática de leitura que fugisse da forma tradicional. Por isso, pensamos em produzir o e-book. Outras considerações foram pontuadas pelos participantes:

Professor C- Acredito que a sala de aula é atravessada pelo diálogo, o qual não podemos silenciar com aulas puramente expositivas. O projeto apresentado é criativo do início ao fim. Traz o diálogo como ponto central e mantém o canal aberto e funcionando pela escolha das narrativas, de vários gêneros discursivos e de propostas de atividades com gêneros atuais com os quais os alunos estão familiarizados. Perceber que podem usar suas redes sociais para aprender, para produzir, pode contribuir para uma participação mais ativa na construção do próprio conhecimento.

Professor J- O Produto Educacional é encantador e nos apresenta um material rico em informações, que contempla várias sugestões de trabalho a serem desenvolvidos com a leitura de obras literárias, além de vasta sugestão de gêneros que podem ser trabalhados em sala de aula. Parabéns pelo excelente trabalho!

Professor A- O caderno foi muito bem estruturado, organizadíssimo e os encontros estão muito agradáveis de se trabalhar.

Professor F- Está muito bem construído e diagramado. A estética chama atenção e o principal: o conteúdo é de muita relevância!

A partir da fala desses professores, podemos notar que a escola é bastante carente em relação a atividades polifônicas. Como o tema é difícil, vai potencializar ainda mais a leitura na escola. Além disso, com esses depoimentos, constatamos que nossos objetivos foram alcançados. Afinal, é um recurso importante para se trabalhar na escola, pois estabelece um amplo diálogo entre o projeto literário e as experiências polifônicas de leitura que contribuirão para a formação do leitor.

Dessa forma, o diálogo construído nessa validação consolida a necessidade de um produto educacional que proponha novas experiências com a leitura, fugindo assim do ensino tradicional. Assim, podemos inferir que e-book é um recurso atrativo, inovador e de grande importância para a formação do leitor literário por meio de experiências polifônicas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A categoria conceitual de polifonia, presente na arquitetura do filósofo Mikhail Bakhtin, nos mostra que nossa pesquisa não se esgota aqui. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2011) evidencia que o diálogo é uma questão inconclusa. Afinal, a interlocução emerge de personagens que ampliam o debate com o mundo. Sendo assim, não se encontra na individualidade do ser, e, sim, na potência das discussões que se encontram na sociedade. Logo, se a polifonia não se trata do eu, mas da coletividade, ela não pode possuir como uma de suas características o acabamento.

A fim de que possamos prosseguir com nosso diálogo, retomamos a questão a qual nos motivou a prosseguir com nossa pesquisa: Como estabelecer um diálogo entre a proposta do projeto literário *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar* e a categoria conceitual de polifonia presente na arquitetura do filósofo Mikhail Bakhtin?

Torna-se cada vez mais importante encorajar nossos (as) estudantes para que suas vozes sejam reconhecidas e ampliadas nos espaços escolares, como também na sociedade. É necessário ouvi-los (as), uma vez que seus discursos manifestam valores sociais que dialogam com vozes as quais não estejam diretamente presentes em seu círculo imediato de vida. Desta forma, buscamos, no decorrer de nosso projeto, criar um espaço para experiências com a Literatura em que ocorressem rodas de leitura, bem como relações dialógicas com o texto, perguntas, respostas, réplicas e tréplicas entre os participantes da pesquisa, já que a concordância e a discordância desses alimentam o diálogo que almejamos impulsionar e ao mesmo tempo promover um encontro a respeito de temas de caráter mais amplo que poderão ir além da realidade individual imediata. Isso nos remete a uma análise de Bakhtin a respeito da obra de Dostoiévski, *Memórias do subsolo*, segundo o qual “[...] o homem do subsolo já discute assuntos mais abrangentes e se dirige a um outro qualquer, “[...]um outro como tal, independente de quem seja [sic] de quem seja” (BAKHTIN, 1929 [1963], p. 309).

Em relação a isso, pensamos em – a partir das obras literárias propostas, dos textos em diálogo com os livros e das propostas de atividades – apresentar uma experiência

de leitura em que pudéssemos falar com o universo e não sobre o universo, em espaços e tempos distintos. Almejamos que todo material produzido seja uma proposta que dialogue com as questões sociais que ainda se fazem presentes em nossa contemporaneidade, tais como a importância da leitura para a formação do ser humano, o relacionamento entre o homem e a mulher, a política, entre outras.

O cotejamento entre as propostas do projeto *Minha Biblioteca: Ler, Contar, Encantar...* e a arquitetura bakhtiniana no que tange à polifonia presente na literatura e nas práticas de linguagem poderá se constituir importante caminho na escola para estimular encontros significativos entre a comunidade educativa e os textos ficcionais, aproximando-os da vida, das questões sociais que emergem em nosso cenário e demandam a nossa participação social e a nossa reflexão diante da realidade.

Referente a essa questão, podemos enfatizar que as experiências de leitura que se praticam no espaço escolar muitas vezes se detêm aos limites da interpretação de texto tradicional, embora a BNCC defenda outra abordagem e tal fato seja amplamente discutido nas formações de professores. Portanto, torna-se necessário propor diálogo entre os projetos literários e as experiências de leitura que possuem novas e/ou outras abordagens.

Acreditamos na literatura como um direito fulcral para a formação humana dos nossos(as) alunos(as), por isso a necessidade de buscarmos cada vez mais práticas de leitura que potencializem a polifonia e a expressão verbal dos(das) nossos(as) estudantes, destacando a multiplicidade de experiências leitoras no ato de ler, considerando efetivamente a equipolência das vozes que se encontram nesse processo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Yammar Leite de Araujo. **Ressignificando a prática leitora na escola**. 2018. 158f. Dissertação (Mestrado profissional em Letras) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Solange Esmeralda Costa. **Perspectivas conceituais em leitura na escola: a intertextualidade e a interdisciplinaridade a favor da dialogia**. 2016. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

BEZERRA, Paulo. "Polifonia". In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. p.191-200.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso: leitura e formação**. São Paulo: Pulo do gato, 2015.

BANCO DE DADOS ESTATÍSTICOS E INFORMAÇÕES EDUCACIONAIS, SEMED, Disponível em: <<https://sites.google.com/site/estatisticaedu/censoescolar/escolas>>. Acesso em: 12 set. 2019.

BANCO DE DADOS SOCIAIS DO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (DATASOCIAL). Disponível em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/METRO/metro_ds.php?p_id=40&p_ibge=32&p_geo=0>. Acesso em: 13 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2015. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTACAO.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2019.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, San Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo MOJrinho Baptista. Portugal: Porto, 1989.

BOMFIM, Flavia Maia. **A literatura na escola: um direito, uma necessidade e um fator de humanização**. 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2016.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: FESTER, A.C.R. (Org.) **Direitos humanos E...** Cjp / Ed. Brasiliense, 1988.

_____. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males, Campinas, SP, 1988. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 25 fev. 2020.

CARVALHO, Letícia Queiroz de, 1964-**C3311. A leitura literária em espaços não escolares e a universidade**: diálogos possíveis para novas questões na formação de professores. / Letícia Queiroz de Carvalho. – 2012. 290 f.: il.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do gato, 2012.

FRANCO, Maria Amélia S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), Censo demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 26 out. 2019.

PITTA, Rodrigo Gonçalves Dias. **A polifonia nas narrativas musicais de Chico Buarque e a formação do leitor literário no ensino fundamental II**. 2018.104 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras, Vitória, 2018.

LEITE, Francisco Benedito. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. In: **Revista Magistro** - ISSN: 2178-7956. Disponível Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO, acesso em 14 de set. 2019. p. 43-63.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Tradução Boris Schaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.

PERRONE-MOISÉS, L. (2009). **Literatura para todos**. *Literatura e Sociedade*, 11(9), 16-29.

REIS, Andréia do Vale. **Estratégias de leitura: uma contribuição para a formação do leitor crítico e autônomo**. 2015. 174f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2015.

SANTOS, Chrystina Magalhães Gomes. **A leitura literária no ensino fundamental: caminhos e desafios para o professor de português**. 2017. 201f. Dissertação

(Mestrado para Faculdade de Ciências e Letras de Assis) –Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

SANTOS, Kelly de Moraes Tarjano. **Leitura Literária: direito de todos, dever da escola**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - Profletras), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Wellington. **Leitura dos contos de fadas: do escrito ao audiovisual**. 2016.106 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2016.

SILVA, D. P. S., **A literatura nos livros didáticos do ensino fundamental II: um estudo de três coleções contemporâneas**.2017. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia e leitura**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Leitura em curso**: trilogia pedagógica. São Paulo: Editores Associados, 2003.

THIOLLENT , M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo, Cortez, 1992.

TODOROV, Tzvetan – **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Viana.es.gov.br . Acessado em 20 de outubro de 2019.

ZILBERMANN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e pedagogia: ponto & contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2008.

APÊNDICE A – Carta de autorização

Secretaria Municipal de Educação
EMEF “DR TANCREDO DE ALMEIDA NEVES”



OF/PMV/SEMED/EMEF “DR TANCREDO DE ALMEIDA NEVES”/ N° 23

Viana (ES), 11 de novembro de 2019.

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

EMEF “Dr. Tancredo de Almeida Neves”
Ato de Criação Dec. n° 140/84 de
14/08/84
Ato de Aprovação: Resolução 41/75
Mudança de Denominação
Lei n° 1000/85 de 25/06/85
Rua Caitê, s/n° - Nova Bethânia
Viana - ES - CEP: 29.138-158
CNPJ: 01.955.655/0001-86

Eu, Cláudia Vieira Sartório, diretora da EMEF “Dr Tancredo de Almeida Neves”, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada: Minha Biblioteca, Ler, Contar, Encantar: a polifonia como um caminho para formação do leitor crítico no Ensino Fundamental II, sob responsabilidade da pesquisadora Erika Carraretto Gonçalves na EMEF “Dr Tancredo de Almeida Neves”. Para isto, serão disponibilizados ao pesquisador o uso do espaço físico, o Projeto Político Pedagógico – PPP – e outros documentos necessários para análise.

Cláudia Vieira Sartório

Cláudia Vieira Sartório

Diretora Escolar

Portaria N° 0255/2017

Cláudia Vieira Sartório

Diretora Escolar

Portaria n° 0255/2017

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar da pesquisa “Minha biblioteca, ler, contar, encantar: a polifonia como caminho para a formação de leitores críticos no ensino fundamental II” – do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, do campus Vitória”, sob a responsabilidade da pesquisadora Erika Carraretto Gonçalves. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista, oficinas literárias e/ou participação em grupo de estudos sobre o tema. Se você aceitar participar estará contribuindo com a elaboração de um material educativo que tem como objetivo apresentar as potencialidades da polifonia por meio do projeto literário *Minha Biblioteca: Ler , Contar, Encantar...* proposto pela Secretaria de Educação do município de Viana para a formação do leitor no ensino fundamental II, de modo a contribuir com o ensino de Língua e Literatura nas escolas básica. Após a finalização de tal material ele será apresentado a outros alunos e professores do Ifes – campus Vitória.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora na Diretoria de Ensino do Campus Vitória, pelo telefone (27) 3331-2247.

Consentimento Pós–Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, de forma voluntária. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Vitória, ____ de _____ de 2021.

Assinatura do Participante